**PERFIL**
O BRILHO DE GIOVANNA, DE 13 ANOS, A CAMISA 10 DO BOTAFOGO QUE JOGA ENTRE MENINOS

**SELEÇÃO**
NOSSOS LATERAIS ESTÃO MAIS RECUADOS DO QUE NUNCA. DÁ PRA SONHAR COM O HEXA ASSIM?

**BIOGRAFIA**
LULA, O TREINADOR DO SANTOS DE PELÉ E CIA. DO INÍCIO DOS ANOS 1960

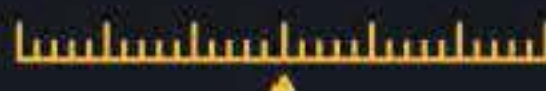
# PLACAR

O BRASILEIRO NATURALIZADO ITALIANO JORGINHO QUER FAZER HISTÓRIA

PODE SER A ÚLTIMA COPA DO MUNDO DE CRISTIANO RONALDO

## A CAMINHO DO CATAR

# VENCER OU VENCER

NA REPESCAGEM MAIS ESPETACULAR DE TODOS OS TEMPOS, SÓ HÁ ESPAÇO PARA ITÁLIA OU PORTUGAL, QUE CAÍRAM NO MESMO GRUPO. NÃO TEM NADA MELHOR PARA FAZER NO FIM DE MARÇO — SE OS CONFLITOS NA EUROPA AUTORIZAREM — DO QUE ACOMPANHAR AS NOVE PARTIDAS DO TORNEIO

Autoridades e nomes relevantes da cena política e econômica brasileira entrevistados por uma bancada de jornalistas

APRESENTADO POR

Clarissa Oliveira

Transmissão nos canais de VEJA

Siga o canal de VEJA no YouTube e fique por dentro da programação

Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e siga nosso canal

PATROCÍNIO JHSF

# HISTÓRIA QUE NÃO SE PERDE

Não há tradição mais querida pelos leitores de PLACAR, nos mais de cinquenta anos da revista, do que os guias — os mais antigos, sabemos, viraram peças de colecionador, vendidas como ouro em sites de leilões virtuais. São procurados com o mesmo afinco dos garimpeiros de álbuns de figurinhas. Os mais recentes servem de bússola para acompanhar os torneios nacionais e internacionais, de clubes e seleções. A confusão do calendário — e, desde março de 2020, os adiamentos necessários impostos pela pandemia — bagunçou um pouco o coreto, e nem sempre foi possível ter certeza de datas, horários e estádios. PLACAR tenta, como sempre tentou, saltar os obstáculos, mas, tal qual ocorre com outras publicações mensais esportivas do mundo, faltou combinar com os russos. Na barafunda da agenda, no vaivém das indefinições, vez ou outra falhamos — e os sonhados guias, é pena, ficaram na gaveta.

Mas seguimos em frente, desta vez com um pioneirismo. Pela primeira vez na história da revista lançamos um Guia da Repescagem — sim, da repescagem! — para a Copa do Mundo do Catar. Nunca houve repescagem tão nervosa como a europeia. Calhou, para começo de conversa, de Itália e Portugal caírem na mesma chave. Para conseguirem a classificação, os italianos precisam passar pela Macedônia do Norte e os portugueses, pela Turquia *(veja a tabela completa na pág. 13)*. Aí, sim, fariam a "final", cujo mandante seria definido por sorteio. Ou seja: só haverá espaço para um dos dois, desde que façam a lição de casa antes. Haveria ainda a participação de Rússia e Ucrânia, se a guerra deflagrada em fevereiro autorizar. A Fifa baniu a Rússia de todas as competições internacionais, de seleções e clubes, até segunda ordem. A Ucrânia vai de Escócia. A repescagem é evento interessante demais para ser negligenciado. Por isso, agora em março, oferecemos tudo o que é preciso saber sobre os nove jogos que acontecerão nos dias 24 e 29 — se, insista-se, as bombas e tiros na Europa deixarem.

Ah, e anotem com carinho: em abril tem o Guia da Libertadores. Depois, o do Brasileirão e dos Europeus. Em novembro, o da Copa.

* * *

PLACAR tem a honra de estrear, nesta edição, os desenhos do arquiteto Rodrigo Steiner Leães, criador de um projeto muito bacana, o Lancefut, lançado em 2018. Ele estará sempre na seção Um Lance Inesquecível, uma das joias do capítulo Prorrogação, lá no fim da revista. "Nossa grande inspiração foi a própria PLACAR e os desenhos do artista gaúcho Aldyr Schlee, que

Os guias de PLACAR: desde o início, em 1970, e até hoje, o melhor mapa da mina dos principais torneios nacionais e internacionais

criou a camisa canarinho da seleção", diz Steiner Leães. "O Lancefut, na forma de pôsteres, é um dispositivo de memória do futebol. Quem vê de longe enxerga arte — de perto é o mergulho em um outro tempo." O primeiro momento a ser rememorado no traço e no texto é o monumental gol de falta de Juninho Pernambucano contra o River Plate, em 1998. Vá até a página 60.

Outras informações e os contatos para a compra dos produtos do Lancefut estão no Instagram (@lance_fut) e no site lancefut.com. ■

revistaplacar 

@placar 

@RevistaPlacar 

placar.abril.com.br 

placar@abril.com.br 

## ÍNDICE



ALEX FERRO/PLACAR

Giovanna: ela só poderá participar da equipe feminina do alvinegro de General Severiano quando completar 16 anos

**CAPA: FOTOS GUIDO DE BORTOLI/UEFA/GETTY IMAGES E ALEX LIVESEY/UEFA/GETTY IMAGES**


EDITORA Abril
Fundada em 1950

**VICTOR CIVITA (1907-1990)** **ROBERTO CIVITA (1936-2013)**

**Publisher:** Fábio Carvalho

**Diretor de Redação:** Mauricio Lima

**PLACAR**

**Redator-chefe:** Fábio Altman
**Editor Assistente:** Luiz Felipe Castro
**Estagiárias:** Maria Fernanda Sousa Lemos e Mariáh Magalhães **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite e Eric Cavasani Vechi (estagiário) **Fotografia: Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas

**Colaboraram nesta edição:** Alexandre Battibugli (fotografia); Sidnei Gil, Tatiana Leonardi, Thamyres Rezende, Tiago Guimarães e Wellington Budim (Dedoc); Kaio Figueredo da Silva (pesquisa de fotos); Gabriel Pillar Grossi (edição de texto); Guilherme Azevedo, Klaus Richmond e Guiherme Goya (texto); Alex Akermann (infografia) e Ismael Canosa (pesquisa)

**www.placar.com.br**

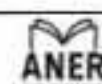
**DIRETORIA EXECUTIVA DE PUBLICIDADE** Jack Blanc **DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA** Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Lucas Caulliraux **DIRETORIA EXECUTIVA DE TECNOLOGIA** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

**Redação e Correspondência:** Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

**PLACAR** 1485 (789 3614 11176 6), ano 52, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-7752112
www.abrilsac.com.br
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2121
Demais localidades: 0800-7752828
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

 ANER  SIP

GRUPO Abril
www.grupoabril.com.br

## ALEGRIA SENEGALESCA

Nunca se viu festa igual em Dakar. Na segunda-feira 7 de fevereiro, multidões recepcionaram os jogadores da seleção do Senegal que tinham vencido a Copa Africana de Nações ao ganhar, nos pênaltis, do Egito. O presidente Macky Sall decretou feriado nacional e decidiu entregar a cada um dos campeões o equivalente a 450 000 reais. "Há momentos em que os problemas políticos são deixados de lado para falar sobre as coisas comuns do país", disse Sall. Um dos nomes mais festejados foi Mané, que perdeu uma penalidade logo no início da final mas converteu na disputa de cinco tiros.

JOHN WESSELS/AFP

## UMA CENA INACEITÁVEL

Perder ou ganhar é parte do futebol. Rir com as vitórias e chorar pelas derrotas é humano. É inaceitável, contudo, fazer do esporte o palco de guerra. A cena do torcedor baleado nas cercanias do Allianz Parque, logo depois da final do Mundial de Clubes, entre Palmeiras e Chelsea, já faz parte dos momentos mais terríveis da história do clube. Não pode, simples assim. O motoboy Dante Luiz, de 42 anos, sonhava comemorar o título estreando na bateria da escola de samba Mancha Verde. O acusado do tiro, um agente penitenciário, diz ter agido em legítima defesa. As investigações continuam.

NELSON ALMEIDA/AFP

## NA ANTESSALA DA GUERRA

Em 16 de fevereiro, uma semana antes do ataque das tropas de Vladimir Putin contra a Ucrânia, bandeiras amarelas e azuis foram espalhadas pelo país, em uma jornada batizada de “o dia da unidade”. No estádio olímpico de Kiev houve imensa aglomeração. Em outras arenas, torcedores brandiam símbolos nacionalistas. O futebol, é claro, com torcedores sempre exaltados, é parte fundamental dessa história. E na Ucrânia ele é tão adorado como no Brasil — aliás, há hoje lá 36 jogadores brasileiros, que chegaram a divulgar vídeos nas redes sociais pedindo socorro ao governo brasileiro para deixar o país, fugindo da guerra que se desenhava.

SPUTNIK/AFP

# A BATALHA PR

O torcedor italiano *(à esq.)* e a fã portuguesa: quem começará abril sorrindo?

LUCA BRUNO/AFP

KARIM JAAFAR/AFP

# É-COPA

Calhou de o sorteio da repescagem para o Mundial colocar no mesmo lado da tabela Itália e Portugal, e não há espaço para os dois. O azar transformou os jogos eliminatórios do fim de março em um "torneio" espetacular, apesar da triste e incômoda sombra de guerra no leste da Europa

**Mariáh Magalhães**

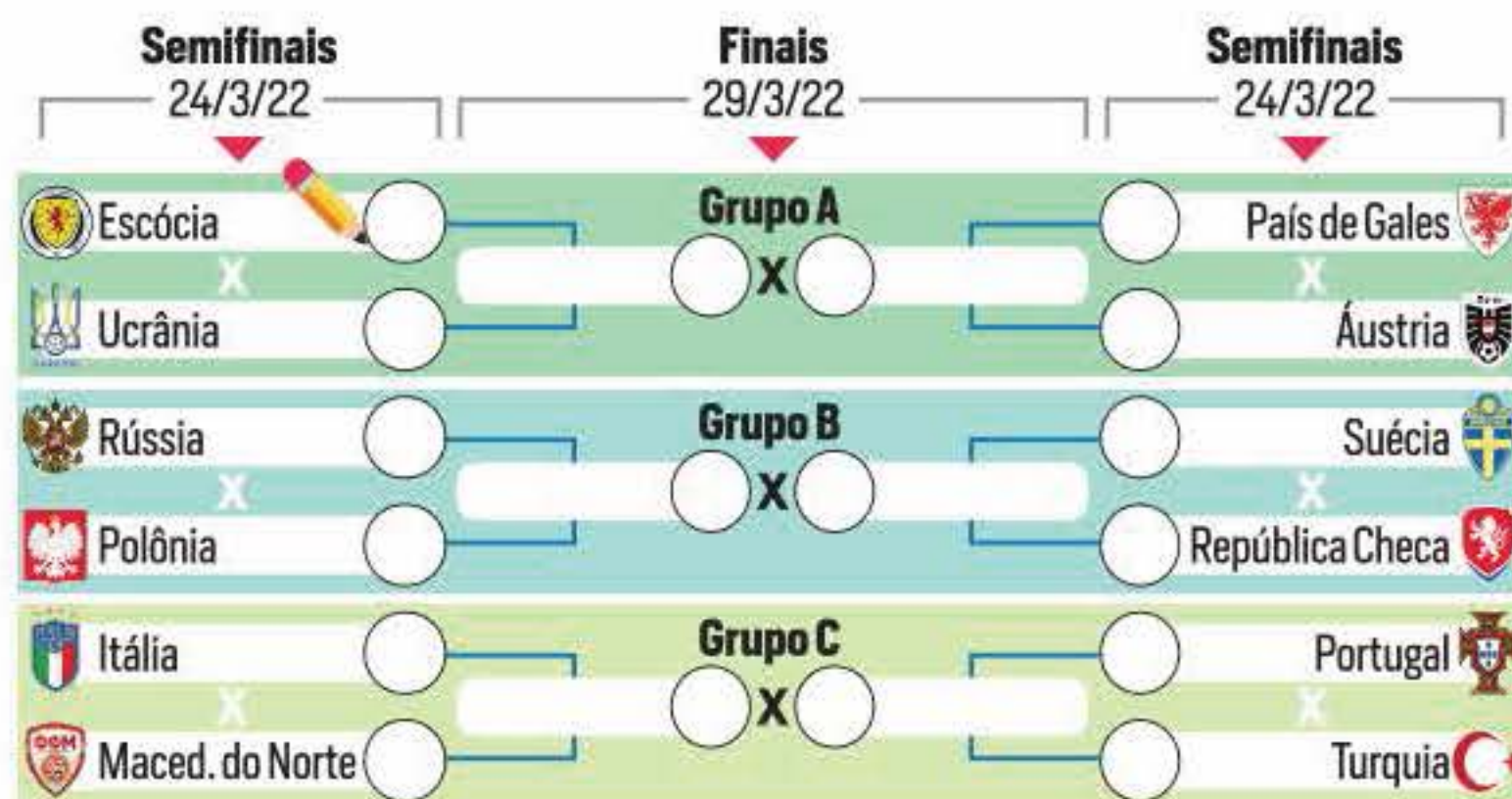
O Sobrenatural de Almeida, o clássico personagem do tricolor Nelson Rodrigues a andar com nuvens escuras acima de sua cabeça, deu as caras na Europa. Maldoso, ele tratou de mexer as bolinhas do sorteio da repescagem para a Copa do Mundo do Catar e pôs num mesmo lado da tabela Itália e Portugal. Resumo da ópera e tristeza do fado: só haverá espaço para um dos dois nas Arábias, no fim do ano. Antes, contudo, precisam fazer a lição de casa. Em 24 de março, os italianos enfrentam a Macedônia do Norte em Palermo. Os portugueses recebem a Turquia no Porto. Se vencerem, jogam uma "final" em 29 de março. Uma derrota, é claro, elimina qualquer um dos dois antes da partida decisiva. A equipe do meia Jorginho, brasileiro naturalizado italiano, parece ter caminho mais tranquilo contra os macedônios. O time de Cristiano Ronaldo pega uma parada duríssima, os turcos com imensa vontade de chegar lá também.

Não há dúvida: a repescagem europeia será uma fascinante batalha pré-Copa. É vencer ou vencer. O destaque está com Itália e Portugal, mas há participantes que merecem atenção. A belicosa Rússia, que faria o primeiro jogo contra a Polônia — previsto para acontecer em Moscou, — foi suspensa pela Fifa depois dos ataques de Putin. A Ucrânia iria até Glasgow para jogar contra a Escócia. Felizmente, ressalve-se, não haveria possibilidade de Rússia e Ucrânia se enfrentarem — um alívio, dada a temperatura naquela porção do planeta. E que jogaço será Suécia contra a República Checa, em Estocolmo *(veja a tabela completa abaixo)*. Sobrenatural de Almeida tem culpa no cartório porque é incômodo imaginar que a tetracampeã do mundo, a Itália, possa novamente ficar fora de uma fase final de Copa. E é triste pensar que CR7, o midiático e fenomenal atacante português, possa perder a derradeira chance de vitrine global. É uma pena, mas é assim.

Convém um passeio histórico pelas partidas entre Itália e Portugal. Os italianos tem ampla vantagem: em 26 partidas, venceram dezoito. Os portugueses, apenas cinco. Mais recentemente, em 2018, na Liga das Nações, houve vitória de Portugal por 1 a 0 e empate em zero a zero. Em Eliminatórias de Copa, houve quatro jogos. Em 1957, os placares foram iguais: 3 a 0 para cada lado, e nenhum dos dois conseguiu chegar ao Mundial do ano seguinte. Em 1993, a Itália venceu duas vezes, por 3 a 1, fora de casa, e por 1 a 0. Seria vice-campeã do mundo ao perder a final para o Brasil de Romário. Resta dizer que os derradeiros dias de março, apesar da triste sombra da guerra, serão sensacionais nos gramados.

Em tempo, para não perder as contas: as seleções já classificadas para o Catar são Brasil, Argentina, Alemanha, Dinamarca, França, Bélgica, Croácia, Sérvia, Espanha; Inglaterra, Holanda, Suíça, Irã e os donos da casa. A briga continua. ■

## O CAMINHO PARA O CATAR

Somente os três ganhadores das finais se classificam para a Copa do Mundo

# ESCÓCIA

## A HISTÓRIA DO DUELO*

**5** jogos

**3** vitórias da Ucrânia

**2** empates

** Em jogos oficiais e amistosos*

ACTION PLUS/ICON SPORT

A PEÇA-CHAVE

### JOHN MCGINN

O meia canhoto do Aston Villa faz brilhar os olhos de muitos times grandes da Europa — não foi à toa que o Manchester United pôs o olho na joia escocesa de 27 anos. Sua principal qualidade: o passe preciso. Mas chega também à área e bate bem. A repescagem pode fazê-lo ainda mais cobiçado.

DÁ ESCÓCIA

## TREINADOR

**Steve Clarke,**
58 anos

**Tempo no cargo:**
3 anos

ROBERT PERRY/EPA/EFE

**PARTICIPAÇÕES EM COPA:**
8 (1954, 1958, 1974, 1978, 1982, 1986, 1990 e 1998)

**MELHOR COLOCAÇÃO:**
nunca passou da primeira fase

**CHEGOU À REPESCAGEM EM...**
...segundo lugar do Grupo F, atrás da Dinamarca

CRED

ONDE E QUANDO

24 de março, quinta-feira
Estádio Hampden Park, em Glasgow
16h45 (horário de Brasília)

# UCRÂNIA

A PEÇA-CHAVE

## ROMAN YAREMCHUK

O Benfica contratou o centroavante do Gent, da Bélgica, com a certeza de ter levado para o Estádio da Luz, em Lisboa, um artilheiro por vocação. Na primeira temporada, não funcionou. Mas ele é muito perigoso. Não por acaso, apesar da fase ruim, atraiu o interesse do Milan, da Itália.

SERGEY DOLZHENKO/EPA/EFE

GRZEGORZ MICHALOWSKI/EPA/EFE

**TREINADOR**

**Oleksandr Petrakov,** 64 anos

**Tempo no cargo:** 1 ano

**PARTICIPAÇÃO EM COPA:** 1 (2006)

**MELHOR COLOCAÇÃO:** oitavo lugar (perdeu nas quartas para a Itália, que seria campeã)

**CHEGOU À REPESCAGEM EM...** ...segundo lugar do Grupo D, atrás da França

# PAÍS DE GALES

## A HISTÓRIA DO DUELO

**10** jogos
**5** vitórias da Áustria
**3** vitórias do País de Gales
**2** empates

OLAF KRAAK/EPA/EFE

A PEÇA-CHAVE

## GARETH BALE

O extraordinário atacante, que já foi imparável pela direita, vive momento ruim — voltou ao Real Madrid, depois de apagada passagem pelo Tottenham, e até ensaiou pendurar as chuteiras (tem 32 anos) caso o País de Gales não vá para o Catar. Seria uma pena, por ser um jogador interessante e carismático, um Cristiano Ronaldo mais apagado.

## TREINADOR

**Rob Page,**
47 anos

**Tempo no cargo:**
1 ano

VALENTIN OGIRENKO/EFE

**PARTICIPAÇÃO EM COPA:**
1 (1958)

**MELHOR COLOCAÇÃO:**
eliminado nas quartas de final pelo Brasil, com gol de Pelé, aos 18 anos

**CHEGOU À REPESCAGEM EM...**
...segundo lugar do Grupo E, atrás da Bélgica

**ONDE E QUANDO**
24 de março, quinta-feira
Estádio Cardiff City, em Cardiff
16h45 (horário de Brasília)

# ÁUSTRIA

**A PEÇA-CHAVE**

## MARKO ARNAUTOVIC

O atacante de origem sérvia chegou a ser punido por racismo e discriminação, numa partida das Eliminatórias contra a Macedônia do Norte, ao fazer um gesto relacionado aos supremacistas brancos contra um adversário nascido na Albânia. Explica-se, mas é inaceitável: Sérvia e Albânia tem rivalidade histórica. Se estiver calmo, é matador na área.

DÁ ÁUSTRIA

**TREINADOR**

**Franco Foda,**
55 anos

**Tempo no cargo:**
4 anos

BESTPHOTOAGENCY

**PARTICIPAÇÕES EM COPA:**
7 (1934, 1954, 1958, 1978, 1982, 1990 e 1998)

**MELHOR COLOCAÇÃO:**
terceiro lugar na Copa de 1954

**CHEGOU À REPESCAGEM COM...**
...base na pontuação da Liga das Nações

# RÚSSIA

**A HISTÓRIA DO DUELO**

**6** jogos
**4** vitórias da Rússia
**1** vitória da Polônia
**1** empate

SESKIM/ICON SPORT

A PEÇA-CHAVE

## ALEKSANDR EROKHIN

Altíssimo — 1,95 metro —, o meio-campista do Zenit consegue imprimir velocidade ao jogo, ainda que pareça lento. Não é. Tem excelente visão de campo, é um organizador nato, mas é também oportunista e goleador. Dará trabalho para a defesa polonesa.

## TREINADOR

**Valery Karpin,**
53 anos

**Tempo no cargo:**
1 ano

SERGEI CHIRIKOV/EFE

**PARTICIPAÇÕES EM COPA:**
11 (1958, 1962, 1966, 1970, 1982, 1986, 1990, 1994, 2002, 2014, 2018)

**MELHOR COLOCAÇÃO:**
eliminada das quartas de final em 2018, jogando em casa

**CHEGOU À REPESCAGEM EM...**
...segundo lugar do Grupo H, atrás da Croácia

UEFA

# POLÔNIA

**ONDE E QUANDO**

24 de março, quinta-feira

Estádio Dynamo Central, em Moscou*

14h (horário de Brasília)

** A Rússia pode ser obrigada a jogar em campo neutro por causa dos ataques contra a Ucrânia*

A PEÇA-CHAVE

## ROBERT LEWANDOWSKI

Eleito duas vezes o melhor jogador do mundo pela Fifa, o artilheiro do Bayern de Munique é implacável. Difícil segurá-lo. Contudo, na seleção ele não tem ao lado nomes como Gnabry e Müller, e por isso o desempenho é mais fraco. Mas há uma certeza: embora não seja genial, está no patamar de lendas como Lato e Boniek, seus conterrâneos.

DÁ POLÔNIA

BESTPHOTOAGENCY

LESZEK SZYMANSKI/EPA/EFE

**TREINADOR**

**Czeslaw Michniewicz,** 52 anos

**Tempo no cargo:** 3 meses

**PARTICIPAÇÕES EM COPA:** 8 (1938, 1974, 1978, 1982, 1986, 2002, 2006 e 2018)

**MELHOR COLOCAÇÃO:** terceiro lugar em 1974 e 1982

**CHEGOU À REPESCAGEM EM...** ...segundo lugar do Grupo I, atrás da Inglaterra

# SUÉCIA

**A HISTÓRIA DO DUELO**

**2** jogos
**1** vitória da Suécia
**1** vitória da República Checa

A PEÇA-CHAVE

## EMIL FORSBERG

Na Suécia ele é tratado como o anti-Zlatan, em referência ao irrequieto e fenomenal artilheiro de 40 anos, hoje no Milan. Forsberg, do Leipzig, é calmo, avesso à ribalta. Mas como joga o camisa 10. Em 2015/2016 foi eleito o craque da temporada na Bundesliga. Foi também a estrela sueca na Euro do ano passado.

KIKO HUESCA/EFE

PALPITE PLACAR: DÁ SUÉCIA

## TREINADOR

**Janne Andersson,** 59 anos

**Tempo no cargo:** 6 anos

NILS PETTER NILSSON/EPA/EFE

**PARTICIPAÇÕES EM COPA:** 12 (1934, 1938, 1950, 1958, 1970, 1974, 1978, 1990, 1994, 2002, 2006 e 2018)

**MELHOR COLOCAÇÃO:** vice-campeã em 1958 e terceira colocada em 1994

**CHEGOU À REPESCAGEM EM...** ...segundo lugar do Grupo B, atrás da Espanha

ONDE E QUANDO

24 de março, quinta-feira
Solna Arena, em Estocolmo
16h45 (horário de Brasília)

UEFA

# REPÚBLICA CHECA

A PEÇA-CHAVE

## TOMÁS SOUCEK

O meia checo do West Ham, da Inglaterra, nunca foi tratado como grande craque — mas poucos jogadores são tão polivalentes como ele. Se é preciso marcar, em esquemas mais fechados, marca. Mas sabe subir e chuta muito a gol. Estão em seus pés, inevitavelmente, as chances de a República Checa avançar para a final.

BESTPHOTOAGENCY

TIBOR ILLYES/EPA/EFE

## TREINADOR

**Jaroslav Silhavy,**
60 anos

**Tempo no cargo:**
4 anos

**PARTICIPAÇÕES EM COPA:** 9 (1934, 1938, 1954, 1958, 1962, 1970, 1982, 1990 e 2006)

**MELHOR COLOCAÇÃO:** vice-campeã em 1934 e 1962, ao perder para o Brasil

**CHEGOU À REPESCAGEM COM...** ...base na pontuação da Liga das Nações

# ITÁLIA

**A HISTÓRIA DO DUELO**

**4** jogos

**4** vitórias da Itália

A PEÇA-CHAVE

## JORGINHO

O meia brasileiro naturalizado italiano de 30 anos, do Chelsea, escolhido entre os melhores do mundo pela Fifa em 2021, tem a chance de redenção — na fase de grupos das Eliminatórias ele perdeu um pênalti contra a Suíça, no empate em 1 a 1, na partida que valia a vaga para o Catar. No jogo seguinte, os italianos apenas empataram com a Irlanda do Norte e os suíços venceram a Bulgária. Está a dois passos da absolvição — ou do cadafalso.

DÁ ITÁLIA

## TREINADOR

**Roberto Mancini,**
57 anos

**Tempo no cargo:**
4 anos

**PARTICIPAÇÕES EM COPA:**
18 (só não esteve em 1958 e 2018)

**MELHOR COLOCAÇÃO:**
tetracampeã (1934, 1938, 1982 e 2006)

**CHEGOU À REPESCAGEM EM...**
...segundo lugar do Grupo C, atrás da Suíça

UEFA

**ONDE E QUANDO**

24 de março, quinta-feira

Estádio Renzo Barbera, em Palermo

16h45 (horário de Brasília)

# MACEDÔNIA DO NORTE

**A PEÇA-CHAVE**

## ENIS BARDHI

O meia do Levante, da Espanha, de 26 anos, gosta de uma confusão — é um legítimo *bad boy* das antigas. Em 2021, ele foi flagrado dirigindo sem nunca ter tirado carteira de habilitação. Foi condenado a quatro meses de prisão, mas teve a pena anulada porque não é reincidente. Habilidoso, excelente driblador, tem um potente chute de direita.

MAURICE VAN STEEN/ANP/ICON SPORT

NAKE BATEV/EPA/EFE

**TREINADOR**

**Blagoja Milevski,**
50 anos

**Tempo no cargo:**
1 ano

| PARTICIPAÇÃO EM COPA: | MELHOR COLOCAÇÃO: | CHEGOU À REPESCAGEM EM... |
|---|---|---|
| zero | — | ...segundo lugar do Grupo J, atrás da Alemanha |

# PORTUGAL

**A HISTÓRIA DO DUELO**

**8** jogos
**6** vitórias de Portugal
**2** vitórias da Turquia

TIBOR ILLYES/EPA/EFE

A PEÇA-CHAVE

## CRISTIANO RONALDO

O que mais dizer do atacante português, talvez o mais midiático de todos os jogadores da história do futebol — e, certamente, o craque matador que dividiu com Lionel Messi a ribalta na última década? Aos 37 anos, CR7 vai com tudo, em sua última chance de disputar uma Copa do Mundo. Convém não duvidar dele.

DÁ PORTUGAL

## TREINADOR

**Fernando Santos,**
67 anos

**Tempo no cargo:**
7 anos

FERNANDO VELUDO/EPA/EFE

**PARTICIPAÇÕES EM COPA:**
7 (1966, 1986, 2002, 2006, 2010, 2014 e 2018)

**MELHOR COLOCAÇÃO:**
terceiro lugar em 1966 e quarto lugar em 2006

**CHEGOU À REPESCAGEM EM...**
...segundo lugar do Grupo A, atrás da Sérvia

UEFA

# TURQUIA

**ONDE E QUANDO**
24 de março, quinta-feira
Estádio do Dragão, no Porto
16h45 (horário de Brasília)

**A PEÇA-CHAVE**

## HAKAN CALHANOGLU

Em julho de 2021, o meia-atacante de 28 anos fez um movimento corajoso: trocou o Milan pelo arquirrival, a Inter. Deu certo, e rapidamente se transformou em um dos destaques da equipe milanesa. Nascido em Manheim, na Alemanha, é jogador rápido e oportunista, goleador nato.

YURI KOCHETKOV/EPA/EFE

INA FASSBENDER/EPA/EFE

**TREINADOR**

**Stefan Kuntz,**
59 anos

**Tempo no cargo:**
1 ano

**PARTICIPAÇÕES EM COPA:**
2 (1954 e 2002)

**MELHOR COLOCAÇÃO:**
terceiro lugar em 2002

**CHEGOU À REPESCAGEM EM...**
...segundo lugar do Grupo G, atrás da Holanda

Danilo, 30 anos (camisa 14), pela direita, e Alex Sandro, 31 anos, pela esquerda, destaques da Juventus: eles despontaram juntos no Santos

FOTOS LUCAS FIGUEIREDO/CBF

# UM PROBLEMA NADA

# LATERAL

Cada vez mais gente começa a se inquietar com o jeito de Danilo e Alex Sandro atuarem, mais recuados e apoiando menos o ataque — como sempre foi a tradição do Brasil em Copas do Mundo

**Klaus Richmond e Leandro Miranda**

A oito meses da Copa, a seleção brasileira parece ter o grupo praticamente fechado, com pouquíssimas novidades a cada convocação e a maioria dos titulares consolidada. Uma posição, porém, corre no sentido inverso. As laterais, tão relevantes para a história e a identidade do futebol nacional, são hoje uma fonte de incertezas no time de Tite. E, mesmo com o escrete canarinho sempre despontando entre os favoritos ao título nas casas de apostas, o torcedor que viu Cafu e Roberto Carlos, Jorginho e Branco, Djalma e Nilton Santos se pergunta: dá para ganhar o hexa sem ter uma dupla voando pelos lados do campo, defendendo e, principalmente, ajudando a armar o ataque?

Hoje, os titulares de Tite são Danilo, pela direita, e Alex Sandro, pela esquerda. Nos nove jogos desde a final da Copa América de 2019, quando perdeu para a Argentina, no Maracanã, a dupla da Juventus começou no 11 titular quase sempre que esteve disponível. Alex Sandro esteve em sete dos confrontos. Danilo, em seis — ficou fora dos recentes duelos contra Equador e Paraguai, pelas Eliminatórias, por problemas físicos. Nessas partidas, o Brasil marcou dezesseis gols, mas os laterais não apenas ficaram sem marcar como também não deram nenhuma assistên-

# A AVENTURA À ESQUERDA...

A "Enciclopédia" do Botafogo e da canarinha não foi apenas o melhor de sua geração como revolucionou a posição do lado canhoto do campo — seguido depois por grandes craques

MANCHETE PRESS

Nilton Santos, 1958 e 1962

PEDRO MARTINELLI

Júnior, 1982 e 1986

EN RADFORD/AFP

Roberto Carlos, 1998 e 2002

cia. Não há dúvida de que o par preferido do treinador é mais contido, atua mais preso na defesa.

Jorginho, lateral-direito do tetra, em 1994, e auxiliar técnico de Dunga na Copa de 2010, não tem dúvida de que esse é o principal problema da seleção. "Na minha opinião, as duas laterais estão em aberto", diz. "Não vemos laterais como em outros tempos. No Mundial da África do Sul, tínhamos Daniel Alves e Maicon voando." Que Danilo e Alex Sandro têm carreiras respeitáveis e bem-sucedidas no futebol europeu, ninguém duvida. Suas partidas são corretas, obedientes, seguras. A questão, para Jorginho, é que a tradição da seleção pede laterais ofensivos, que se mandem para o ataque. "Ousadia" é a palavra que ele gosta de usar.

Ainda Jorginho: "Vejo Danilo na seleção e na Juventus e ele se esconde muito. É quase um terceiro zagueiro. O lateral no Brasil é lateral, fazemos uma linha de quatro. E com a linha de três na saída, com o Casemiro recuando, ele pode ser mais ofensivo ainda. O mesmo ocorre com o Alex Sandro. Ele tem de passar, tem de ousar. Nossos zagueiros são ótimos, um lateral não pode na seleção só defender".

Curiosamente, a constatação de que Danilo e Alex Sandro jogam mais recuados não poderia estar mais longe da percepção sobre a dupla ao despontarem juntos no Santos, há uma década. Quando foram campeões da Libertadores de 2011, era comum vê-los na linha de meio-campo, usando a potência física e a habilidade técnica para aparecer a todo momento no ataque. Dez anos na Europa os fizeram mudar tanto assim? Para Do-

ODD ANDERSEN/AFP

Fabio Grosso, lateral-esquerdo da Itália campeã mundial em 2006: lá também é raro

rival Júnior, treinador daquele Santos de 2010, eles não desaprenderam a atacar. Só ficam atrás porque são estimulados a isso. "Vai muito da função nos clubes. Quando eles vêm para a seleção, precisam de mais tempo para desenvolver o que o treinador pede", afirma Dorival. "Acho que é uma solicitação do Tite, de não subir tanto, justamente porque é algo que já aprenderam a fazer no clube."

Danilo tinha 18 anos ao se transferir do América-MG para o Peixe. Alex Sandro estava no Athletico-PR e era um ano mais velho. Rapidamente os dois se tornaram titulares no time de Neymar e Ganso. "Ambos experimentaram um crescimento absurdo", lembra Dorival. O destaque no Santos fez com que a oportunidade de jogar na Europa chegasse rapidamente. Os dois foram vendidos ao Porto, de Portugal, no meio de 2011, mas Danilo ainda ficou mais seis meses na Vila Belmiro antes de se apresentar. Em terras lusitanas, repetiram a dobradinha de sucesso e, após quatro anos, voltaram a ser negociados: Danilo, para o Real Madrid, e Alex, para a Juventus.

No Porto, Danilo recebeu o prêmio Dragão de Ouro, como um dos destaques do clube em 2014. "Assim que chegou, ainda oscilava um pouco, cometia alguns erros com e sem a bola", conta o jornalista Pedro Cunha, do site ZeroZero. "Mas evoluiu muito, melhorou sempre. Já o Alex Sandro é, sem qualquer exagero, o segundo melhor lateral-esquerdo que vi atuar no Porto, depois do Branco." Hoje, porém, a realidade é um pouco diferente. Danilo, aos 30 anos, teve passagens vitoriosas por Real e Manchester City antes de se juntar novamente a Alex Sandro na Juventus, em 2019. O lateral-direito é titular e se mantém regular, confiável, elogiado pelos treinadores. Já o canhoto, aos 31, começa a ver pela primeira vez sinais de que seu posto no time italiano pode estar ameaçado.

"Danilo está fazendo excelentes temporadas na Juve. Nos últimos dois anos se tornou um dos líderes do time e é sempre titular, mesmo em posições diferentes. Massimiliano Allegri, o treinador, o aprecia muito, como os antecessores Andrea Pirlo e Maurizio Sarri", relata o jornalista Emanuele Gamba, do jornal italiano *La Repubblica*. "Alex Sandro, por outro lado, está em declínio. Em algumas partidas deste ano foi substituído por um lateral mais jovem, mas não muito forte, Luca Pellegrini. A Juventus gostaria de vendê-lo, mas parece não haver muito mercado para ele."

E na seleção? Talvez a situação seja parecida, com Danilo mais consolidado e Alex em risco. O problema é justamente a falta de concorrentes à altura. A única possível ameaça na lateral direita é o veteraníssimo Daniel Alves, homem de confiança de Tite, que tenta retomar a melhor forma num improvável reencontro com o decadente Barcelona. Pelo lado esquerdo começam a despontar

jovens como Alex Telles, do Manchester United, Renan Lodi, do Atlético de Madri, e Guilherme Arana, do Atlético-MG. Se é verdade que o torcedor brasileiro se acostumou a ver os camisas 2 e 6 disparando pelo flanco e servindo os atacantes com cruzamentos precisos da linha de fundo, isso não é necessariamente o que Tite espera do time atual.

"A função dos laterais varia de acordo com os pontas que ele escala", diz o jornalista e analista de desempenho Rodrigo Coutinho. "Quando tem o Neymar na ponta esquerda partindo para dentro, ele precisa de um lateral mais agressivo, que passe mais rumo à linha de fundo, como o Lodi ou o Arana. Se for o Vinícius Júnior o titular, cabe ao lateral trabalhar mais por trás da linha da bola." Na opinião de Coutinho, Raphinha está muito perto de se fixar como titular. "Por ser um ponta que joga bem aberto, não há espaço para o lateral avançar. Por isso, quando o Danilo está em campo, ele faz uma saída com os zagueiros e quando é o Daniel Alves, ele se coloca mais na linha dos volantes."

Goste-se ou não, o fato é que dificilmente surgirão novas opções. As convocações surpreendentes também estão na nossa história — quem não se lembra de Zé Carlos, lateral-direito do São Paulo, que foi convocado por Zagallo para a Copa de 1998 sem nunca ter atuado pela seleção? Mas esse não é o estilo de Tite, um treinador mais metódico e que tenta aproximar o máximo possível seu trabalho do dia a dia de um clube, com um grupo coeso.

"A Copa do Mundo é logo ali. Já há uma ideia do que vai acontecer", acredita Branco, lateral-esquerdo do tetra em 1994 e coordenador das seleções de base da CBF. Nos próximos anos, diz ele, os canhotos Abner, do Athletico-PR, e Arana, do Galo, mais o destro Vanderson, ex-Grêmio e hoje no Monaco, da França, podem ganhar espaço. "Pelo que eu vejo, na cabeça do Tite e da

O veterano campeão de tudo: mesmo sem ir ao fundo, tem ótimo cruzamento

LUCAS FIGUEIREDO/CBF

# O ENIGMA DANIEL ALVES

*Insistência com veterano de 38 anos faz Tite ser criticado pela escolha. Mas, afinal, tem outro para o lugar dele? Muito possivelmente não.*

Se torcedores e jornalistas sentem alguma desconfiança em relação aos laterais da seleção, o que dizer do fato de Daniel Alves continuar sendo regularmente convocado por Tite? Aos 38 anos, ele esteve em duas Copas, é o jogador com mais títulos na história do futebol mundial e até recentemente poucos questionavam seu desempenho. A desastrosa passagem recente pelo São Paulo, porém, começou a mudar a visão do torcedor sobre ele — mas não a do técnico do time canarinho.

Dani, como prefere ter o nome estampado na camisa, segue com a confiança plena do treinador. Só não foi convocado quando estava sem clube, entre a saída conturbada do Tricolor do Morumbi e o inesperado retorno ao Barcelona, onde chegou ao ápice na década

comissão técnica não há muitas dúvidas agora." Talvez imagens eternizadas na memória sentimental dos brasileiros como a de Carlos Alberto Torres marcando o gol antológico na final de 1970, ou de Branco decidindo contra a Holanda em batida de falta magistral em 1994, tenham mesmo ficado no passado. Como não é nó exclusivo do Brasil, convém também ressaltar que o italiano Fabio Grosso, lateral-esquerdo que marcou um golaço na semifinal contra a Alemanha e converteu o pênalti decisivo na final contra a França em 2006, dando o tetracampeonato à Azzurra, parece página esmaecida pelo tempo. É uma pena. ■

passada. Em todas as outras listas, o melhor jogador da Copa América 2019 e capitão do ouro olímpico de 2021 foi nome certo, o que o coloca como única ameaça real a ocupar o posto de Danilo.

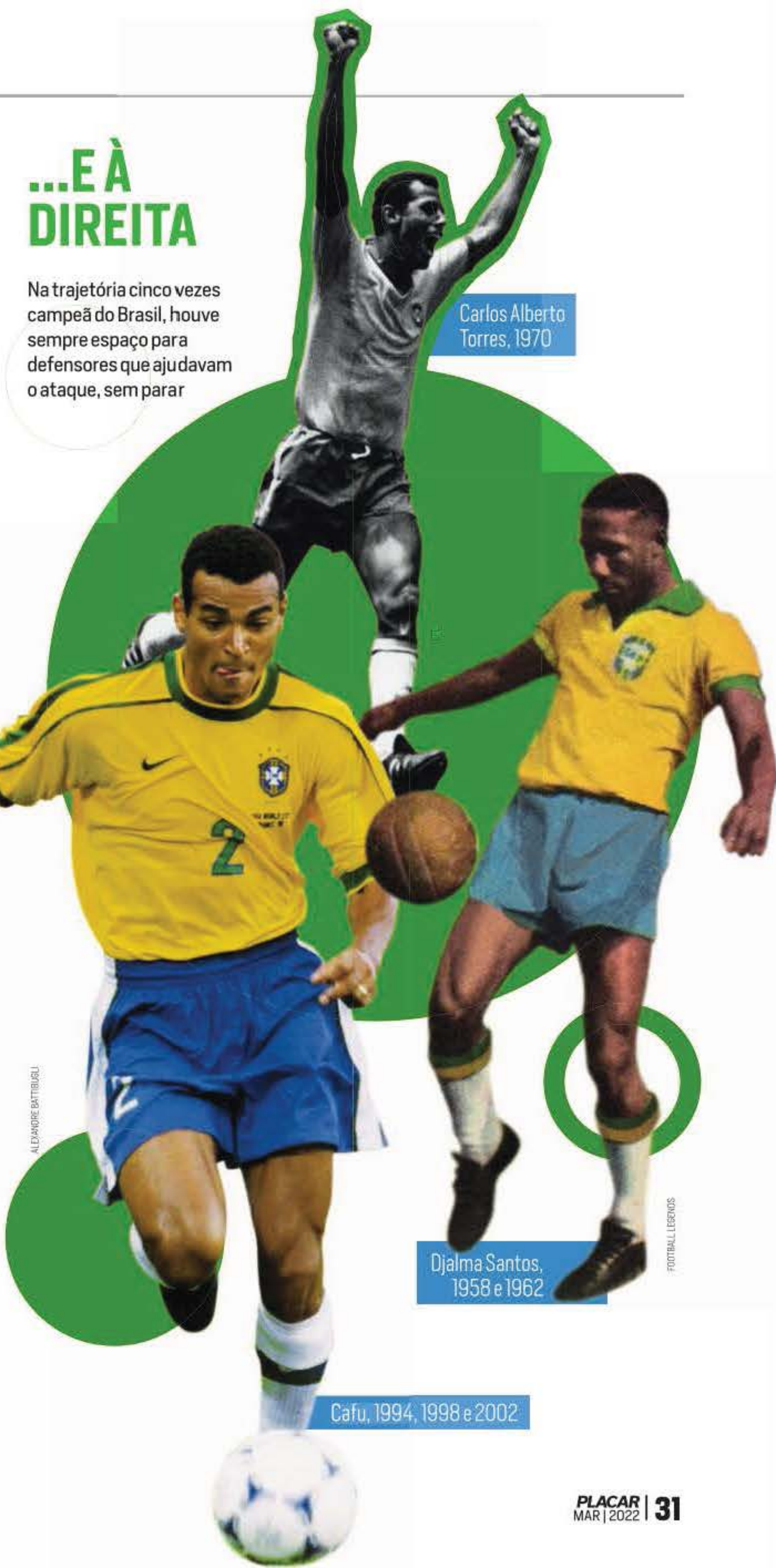
"Ele não perde a bola, o passe é bom", analisa Jorginho, lateral do tetra, em 1994. "Mesmo sem chegar ao fundo, consegue ter um excelente cruzamento. O grande problema é quando pega uma equipe como a Bélgica, com jogadores fortes, velozes. Aí a coisa pode complicar." O que hoje falta no físico sobra na técnica. Assim, na função de ficar mais recuado, Dani tem se encaixado bem. Para Nelinho, grande ídolo do Cruzeiro e lateral nas Copas de 1974 e 1978, ele ainda é uma grande opção. "A história do Dani lembra a do Cafu, que foi para três finais de Copa. Como não temos outro fora de série, que marque, apoie, drible, acredito que o Dani será titular mais uma vez."

## ...E À DIREITA

Na trajetória cinco vezes campeã do Brasil, houve sempre espaço para defensores que ajudavam o ataque, sem parar

Carlos Alberto Torres, 1970

Djalma Santos, 1958 e 1962

Cafu, 1994, 1998 e 2002

ALEXANDRE BATTIBUGLI

FOOTBALL LEGENDS

# VIVA A ESTRELA SOLITÁRIA

**Aos 13 anos, a meio-campista carioca Giovanna Waksman faz sucesso e golaços entre os meninos do Botafogo. Somente quando completar 16 é que ela jogará ao lado das mulheres**

Texto: Maria Fernanda Lemos
Fotos: Alex Ferro

Com os companheiros do sub-12 e sub-13: "Os pais é que fazem alguns comentários, mas por sorte não escuto nada dentro de campo"

ALEX FERRO/PLACAR

Uma sugestão para o americano John Textor, executivo do ramo de tecnologia, cinema e esportes que acaba de comprar o Botafogo: fique de olho na meio-campista Giovanna Waksman, uma menina de 13 anos que tem comido a bola. E um aviso fundamental: não há ironia alguma, pelo contrário, no conselho ao mandachuva da Estrela Solitária. Giovanna, camisa 10 às costas, é craque. Um vídeo de uma partida semifinal de um torneio carioca, entre Botafogo e Vasco, em outubro de 2021, apresentou a menina ao mundo. Eram 21 meninos e ela em campo, na categoria sub-12 masculino. Os alvinegros ganharam por 3 a 0 e aquela bola por cobertura, que foi morrer no fundo da rede cruz-maltina, foi de embasbacar. Assim, nas palavras dela, em entrevista a PLACAR: "Saí arrastando todos os jogadores, veio o zagueiro e ele ficou indeciso para vir me marcar. Quando veio, eu já dei um tapa. O goleiro estava saindo na cara do gol, eu cavei por cima dele e saí para comemorar". Na final, ela marcaria dois gols, mas o título ficou com o Flamengo.

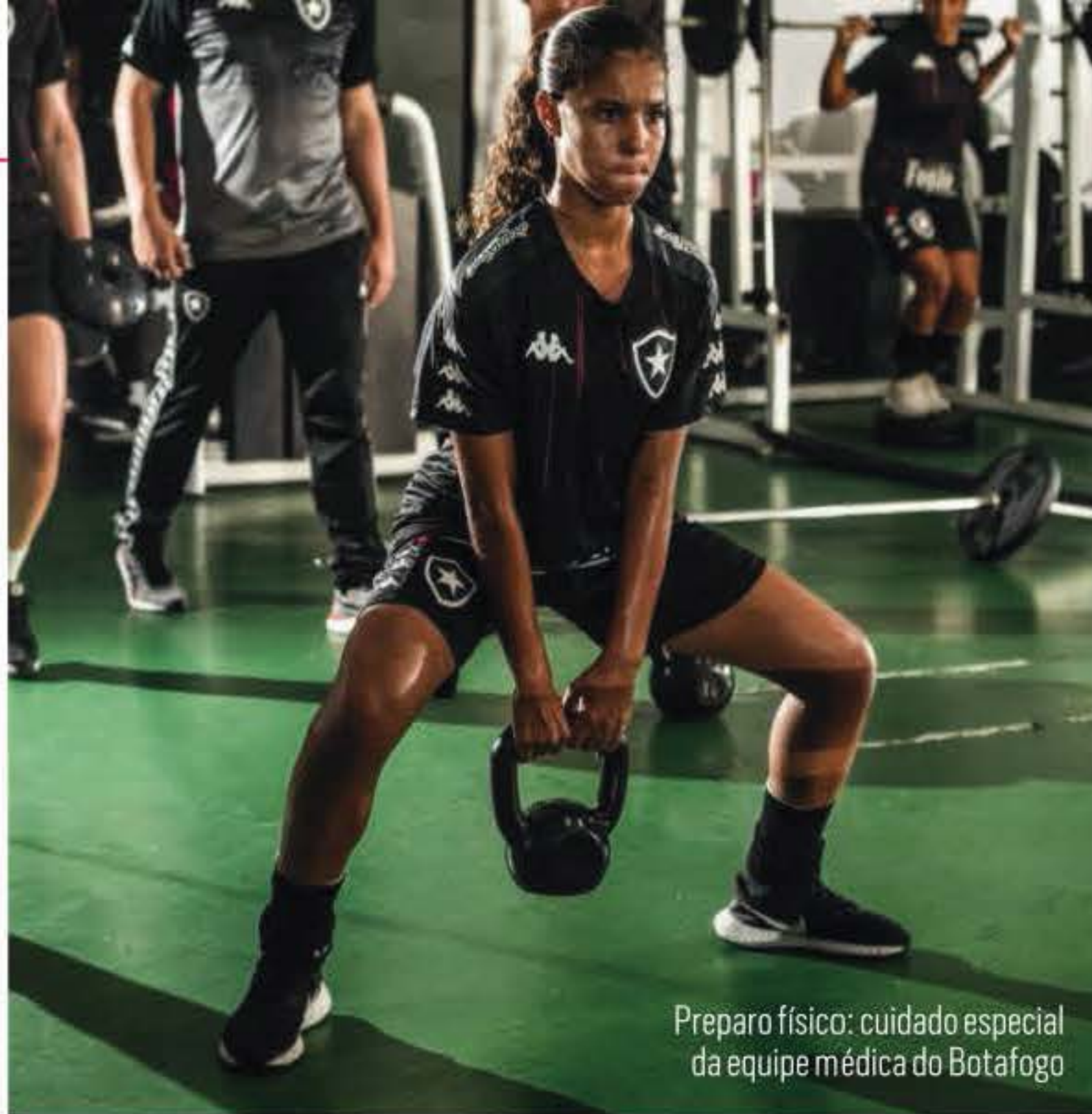
Tê-la entre os moços foi resultado de sua habilidade, sem dúvida, mas também de uma particularidade: o time de General Severiano não tem equipe feminina para a idade dela. Por isso, Giovanna participa de competições com o sub-12 e sub-13 masculinos. Segundo os preparadores físicos do Botafogo, ela prosseguirá entre eles pelo menos até os 15 anos, enquanto seus patamares de força forem ainda equiparáveis aos dos homens. Aos 16 anos, finalmente poderá jogar pelo sub-18 feminino. Enquanto isso, salve Giovanna, a ovelha desgarrada, que inclusive treina entre os profissionais. Com 1,61

metro, e ainda em fase de crescimento, em campo ela exibe o avesso da timidez que exala fora dele. É uma das primeiras a pisar no gramado. Joga rindo como fazia Ronaldinho Gaúcho — o que não exclui, evidentemente, o semblante compenetrado de quem sabe o que faz.

A menina conta que sempre atuou ao lado dos meninos. Está para lá de acostumada, portanto. "Com 6 anos, nas aulas de educação física, as meninas jogavam queimada e os meninos, futebol. Como eles tinham prioridade e eu não gostava de esperar na arquibancada, pedi para bater bola junto", lembra. "Logo evolui e pedi para o meu pai me pôr numa escolinha." Sua primeira passagem, aos 8 anos, foi no Sogima FC, clube que organiza a base do Cabofriense. Depois, teve breve atuação no Fluminense, até que, em dezembro de 2020, foi convidada a treinar no Botafogo, depois de um supervisor do clube observá-la em um vídeo postado na internet.

Na inocência da infância e da pré-adolescência, ela já descobriu onde mora o problema de convivência, o nó do preconceito. "Os meninos sempre me respeitaram muito, são mais os pais deles que fazem algum comentário", diz. "Mas por sorte não consigo escutar nada dentro de campo, enquanto estou jogando, e só fico sabendo depois." Os pais da atleta, Renato e Jackeline Waksman, acompanham de perto a carreira da filha única. O pai, que também foi jogador das categorias de base do Botafogo e teve o caminho abreviado por lesões, deixou de trabalhar para estar mais presente nos treinos e na carreira da menina. "Ele fala que, se eu não tirar notas boas na es-

FOTOS ALEX FERRO/PLACAR

A habilidade e visão de jogo: camisa 10 clássica

Preparo físico: cuidado especial da equipe médica do Botafogo

No vestiário: compenetração de quem sabe o que quer e a primeira a entrar no campo

cola, não posso mais jogar bola", diz Giovanna, sorrindo. "Eu tento agradecer a ele dentro de campo. Dando o meu máximo."

Desde que ela chegou ao Botafogo, há uma grande preocupação em torno da atleta: os profissionais do departamento médico, preparadores físicos e treinadores têm zelado pelo condicionamento físico dela com um objetivo muito claro: suportar a carga de treinamentos, pesados demais para alguém tão jovem. "Prestamos muita atenção na parte de mobilidade e estabilidade, além do controle motor", diz Paulo Neves, preparador físico da equipe profissional, que ressalta ainda a importância do trabalho de base do clube. "Um outro cuidado é com a recuperação depois do esforço." Do ponto de vista tático, há unanimidade: ela se posiciona no gramado como os adultos.

Camisa 10 "clássica", daquelas que organiza as jogadas, busca a bola e serve os atacantes, Giovanna diz se inspirar em Lionel Messi. Quer ir para a Europa, ser eleita a melhor jogadora do mundo e ser convocada para a seleção brasileira. Talento, ela tem de sobra. Giovanna é evidentemente acima da média. "Parece que ela herdou dos craques do futebol um dom da 10 que o futebol masculino já não consegue mais formar", diz o treinador Gláucio Carvalho. "A rigor, quase todos os aspectos de um jogador são treináveis, mas é impressionante como a menina mesmo com pouco tempo de formação de categoria de base já vem com as qualidades muito apuradas." Patrocinada pela Nike, logo trilhará o sonho. Giovanna já recebeu sondagens de fora do país — por ora, vai ficar. "O importante para mim é estar dentro de campo me divertindo", diz. Em breve, o plano é que possa se divertir ao lado das mulheres. Ela participou de um torneio totalmente feminino apenas no fim do ano passado, quando o Botafogo a emprestou ao Internacional para disputar a Copa Nike sub-17. Foi vice-campeã e eleita a craque da partida na final. "Não senti diferença no modo de jogar, somente nas relações extracampo", diz. "Consegui me aproximar mais delas do que dos meninos. Sinto falta de jogar com as meninas da minha idade porque seria mais confortável." É conforto que precisa ser oferecido à esperança alvinegra. ■

# O LIMITE É LOGO ALI

O Palmeiras perdeu o Mundial para o Chelsea na prorrogação, não passou a vergonha do Santos em 2011, contra o Barcelona. E, no entanto, a postura recuada é triste retrato das escassas possibilidades do futebol brasileiro hoje

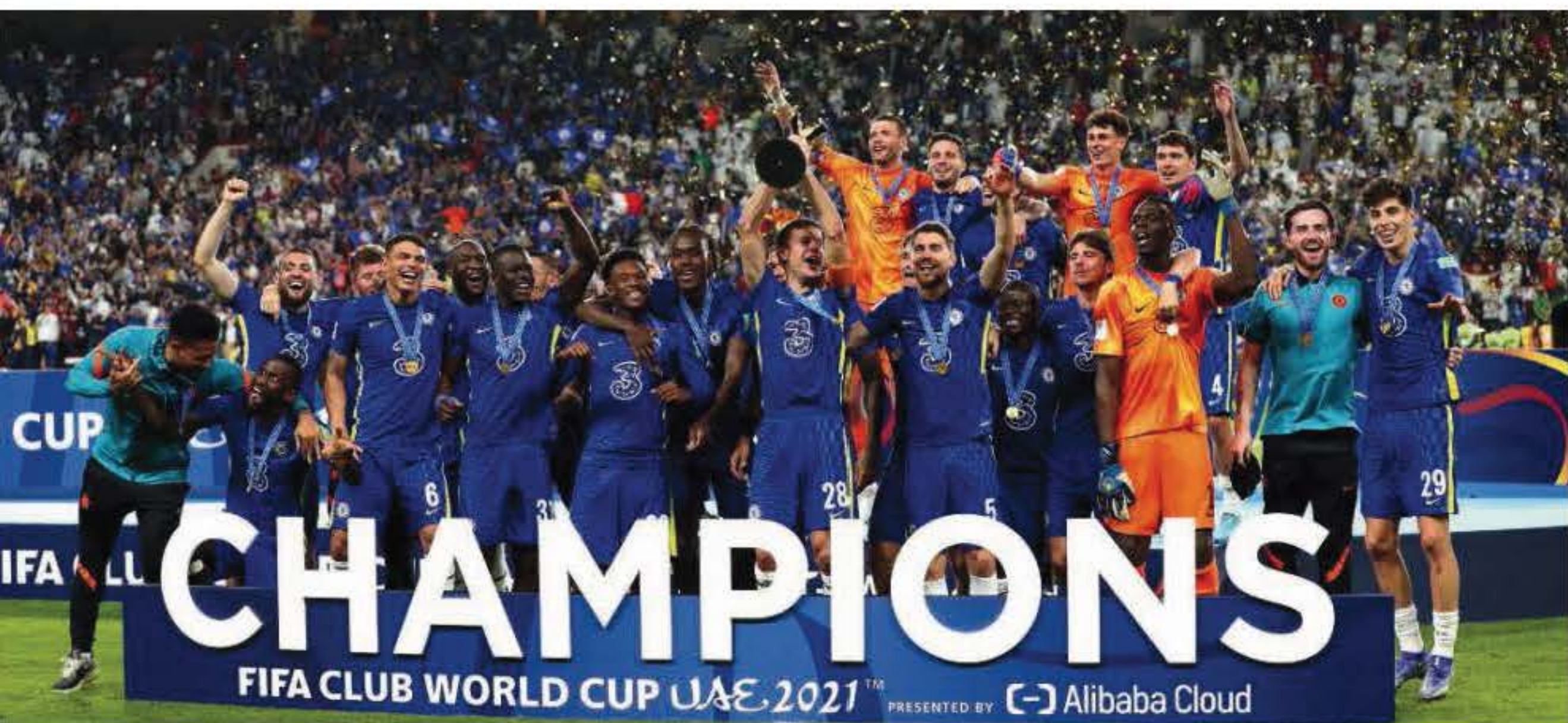
**Guilherme Azevedo e Fábio Altman**

Em março de 2012, o artista plástico Nuno Ramos, que escreve sobre futebol como quem desenha, com elegância e precisão, publicou na revista *Piauí* um texto de tom melancólico, doloroso mesmo, depois da derrota, por 4 a 0, do Santos de Neymar para o Barcelona de Messi na final do Mundial de Clubes. Parecia premonitório, mas era apenas jornalismo como rascunho da história. Assim, em seu trecho inicial: "Com o 'ritmo do chumbo (e o peso) / do homem dentro do pesadelo' do poema de João Cabral para Ademir da Guia, o jogo entre Barcelona e Santos transcorria à minha frente. Pois como descrever, senão pensando num pesadelo, a bola que fura o zagueiro ao meio (na falha de Durval no primeiro gol), a matada clássica de Ganso (é assim que se faz!) imediatamente surrupiada por Xavi, a falta de graça completa do único fora de série brasileiro dos últimos anos (Neymar), o fluxo incessante de um time contra o eterno beco sem saída do outro? Jamais, que eu me lembre, o futebol brasileiro se viu tão inferiorizado em jogo valendo alguma coisa. Aliás, talvez somente no famoso Uruguai x Holanda da Copa de 74 algum time sério se viu tão dominado durante os noventa minutos. Não é questão do resultado, mas do que aconteceu em campo. Se o Santos chegou perto duas ou três vezes, o Barcelona teve mais de dez chances de gol,

O foco do português Abel Ferreira: ele pôs o Verdão fechado com seis defensores à frente da área, além do apoio de dois atacantes

ALI HAIDER/EPA/EFE

mandou duas na trave e fez quatro gols, o terceiro uma verdadeira obra-prima. O Santos não teve o jogo nas mãos nem por cinco minutos, parecendo, às vezes, sequer partilhar a mesma divisão que seu algoz. É preciso situar este jogo como um trauma, um antes e um depois, um sinal de que alguma coisa estranha está acontecendo com o futebol brasileiro".

O Palmeiras, agora em 2022, não apanhou de quatro do Chelsea, longe disso, e a torcida do Verdão tem o direito de se vangloriar ao ter caído de pé. Mas caiu. Conseguiu empurrar a partida para a prorrogação, perdeu por 2 a 1 em um gol de pênalti, não passou vergonha. Mas, dez anos depois, vale relembrar Nuno Ramos: "Não é questão de resultado, mas do que aconteceu em campo". Insista-se, para que não pairem dúvidas: os palmeirenses não levaram dos ingleses de azul o baile que os catalães aplicaram nos santistas. No entanto, há sim algo de muito estranho com o futebol brasileiro. A estranheza pode ser traduzida em números — ainda que, no fute-

ALI HAIDER/EPA/EFE

O título da equipe londrina em Abu Dhabi: ao contrário do que se supunha, muita festa no vestiário e nas redes sociais do clube

O Corinthians de Guerrero em 2012: quem salvou mesmo foi Cássio, no gol

Messi consola Neymar depois da disputa de 2011: a goleada de 4 a 0 que serviu como triste retrato

bol, que bom, a estatística possa (e deva) ser humilhada por um golzinho salvador aos 45 do segundo tempo. Mas acompanhemos: o Chelsea teve 71% de posse de bola contra 29% do Palmeiras. Foram 22 finalizações dos ingleses contra onze dos brasileiros — embora tenham se igualado nos chutes a gol, com três cada um. Ter a pelota nos pés nem sempre é sinônimo de vitória, mas quase sempre sim. Não tê-la, como se viu em Abu Dhabi, é atuar fechado em demasia. O time do português Abel Ferreira estacionou um ônibus com seis defensores na frente da área, com o apoio dos atacantes Rony e Gustavo Scarpa no bloqueio. A ideia era apostar nos contra-ataques, e só. É muito pouco, chega a ser triste — e, no entanto, não há outro modo de jogar contra equipes europeias. Um esquadrão corajoso sairia destroçado.

Um passeio pelas finais disputadas por times do Brasil contra os da Europa, na final do Mundial de Clubes, mostra que a relação só piorou, com as exceções que confirmam a regra. Em 2005, o São Paulo venceu o Liverpool por 1 a 0 com 47% de posse de bola. Em 2006 o Internacional bateu o Barcelona também por 1 a 0 com 42% de domínio. Em 2011, o Santos foi goleado por 4 a 0 do Barcelona com 29% de controle. O Corinthians venceu o Chelsea por 1 a 0, em 2012, com 46% de bola no pé. O Grêmio, ao perder do Real Madrid por 1 a 0 em 2017, a controlou em 36%. Houve uma única exceção, o Flamengo de Jorge Jesus, com 51%, derrotado pelo Liverpool na prorrogação em 2019. O que informa a estatística? Que os brasileiros, por inferiores, e não há aí nenhum segredo, entram em campo com medo. Fazem o que é possível, seguram como podem as partidas — e perdem. Sim, o Corinthians foi campeão contra o Chelsea, há uma década. Tite conseguiu de algum modo anular parte do toque e da força ofensiva do adversário, que estava despedaçado e teve Cássio como muralha numa atuação milagrosa. É muito pouco para o futebol que, a partir de 1958, virou sinônimo de alegria. Até que, depois do tri do México, com o breve interregno de 1982, achou melhor se fechar, como se defender fosse a única arma possível.

Mas, afinal de contas, por que tanta desigualdade entre Europa e América do Sul? O comentarista da Globo e da *Folha,* Paulo Vinicius Coelho, ex-PLACAR, tem a resposta na ponta da língua: é resultado da Lei Bosman, referência ao medíocre meia belga Jean-Marc Bosman, que em 1995 foi à Justiça perguntar por que os jogadores enfrentavam limites de nacionalidade para trabalhar em países europeus, enquanto arquitetos, engenheiros, médicos e advogados não tinham mais fronteiras. O tribunal deu ganho de causa a Bosman e o futebol mudou, ancorado na força do dinheiro. Não há mais limites (a certa altura da partida

SHIZUO KAMBAYASHI/AFP

KAZUHIRO NOGI/AFP

O São Paulo de Rogério Ceni em 2005: fechado, jogou por uma única bola, que veio

contra o Palmeiras, o Chelsea tinha apenas um inglês em campo, o fraco ponta Hudson-Odoi). "Jean-Marc Bosman está para o Mundial de Clubes assim como a máquina a vapor está para a Revolução Industrial", escreveu PVC. "A Revolução Industrial começou na Inglaterra; a digital, nos Estados Unidos; e a do futebol, na Europa ocidental. O único antídoto é a reforma cultural nos times do Brasil". Estamos longe dela.

Tostão, o mais arguto cronista esportivo do país, craque nas letras e na bola, foi direto ao ponto depois da derrota palmeirense: "Chelsea teve domínio total do jogo, como se esperava". O ex-camisa 9 sabe das coisas. É melancólico, é a dura constatação dos limites do futebol brasileiro, hoje — nada que diminua o sucesso do Palmeiras em 2021 e 2022, bicampeão da Libertadores.

Vale sublinhar que os argentinos também padecem na mesma estrada cheia de pedregulhos. Em 2018, o poderoso River perdeu na semifinal para o Al Ain, dos Emirados Árabes Unidos. Não há muito a fazer, infelizmente. Ou, como escreveu Paulo Cezar Caju em sua coluna no site de PLACAR, com a sinceridade que o caracteriza: "No sábado, parei para assistir à final do Mundial e juro que tentei ver o que tinha de positivo no time de Abel Ferreira — afinal, o treinador vive sendo idolatrado pela torcida e pela imprensa. Mas o que pude ver foi um time extremamente acovardado, acuado, jogando para não perder e torcendo para Dudu, o único que apresentava alguma lucidez, resolver com uma jogada individual. O que me deixou mais assustado foi ver a torcida vangloriando Abel Ferreira no desembarque em São Paulo! Sério isso? Na minha época o sarrafo era outro e nem quando a gente levantava a taça o treinador saía com tanta moral! Os tempos mudaram e eu preciso urgente achar um novo esporte para assistir!".

Há algum exagero e um tanto de ironia no que escreveu o excelente Caju? Sim. Convém, contudo, prestar atenção no que ele diz — os problemas que ele aponta são os mesmos anotados por Nuno Ramos há uma década em meio a um pesadelo.

O futuro pode ser pior. A Fifa, de olho em audiência e dinheiro, que finge ver o mundo mas é "eurocêntrica", planeja um "super Mundial de clubes" disputado a cada quatro anos com 24 equipes, intercalando com a Copa do Mundo de seleções. E o que tem andado muito difícil pode beirar o impossível. Houve, tudo somado, um único aspecto positivo na decisão deste fevereiro de 2022 em Abu Dhabi: sempre se disse que os europeus não ligam para o torneio, o tratam com desdém, viajam porque não lhes resta alternativa. Não foi o que se viu no vestiário do Chelsea e nas redes sociais da agremiação londrina, com direito a dancinhas, cantoria e postagem em profusão. Ao menos o Palmeiras perdeu para quem queria ganhar, sim. ■

EDIÇÃO: GABRIEL PILLAR GROSSI

# PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

PLACAR

PLACAR de 1975: o gênio do Verdão e o desconhecido



Armando Marques: muitas vezes ele aparecia mais que os jogadores



A relíquia: usada antes nas peladas da Editora Abril

IANCA LOUREIRO/MUSEU DO FUTEBOL



RODOLPHO MACHADO

# OS DOIS MUNDOS DA BOLA

Há quase cinquenta anos, PLACAR mostrou como viviam um dos atletas mais bem pagos do país e um boleiro de um clube do interior. De lá para cá, o mundo do futebol se tornou muito mais rico — e a desigualdade também

O celebrado Divino do Verdão, com a mulher e os filhos *(à esq.)* e o desconhecido Afonso, do Umuarama-PR com a família: diferenças

Em 26 de dezembro de 1975, para celebrar sua edição de número 300, PLACAR estampou na capa duas grandes fotos. Lado a lado, o meia palmeirense Ademir da Guia (com sua tradicional elegância, correndo no gramado do Morumbi numa tarde ensolarada) e o quase desconhecido Afonso da Silva (atacante do Umuarama-PR, de costas, num túnel estreito e mal iluminado). O contraste era óbvio, estampado no título em letras amarelas: "Fama e miséria em torno da bola".

O jovem repórter Carlos Maranhão, que anos mais tarde se tornaria diretor da revista, acompanhou a rotina dos dois atletas, dentro e fora de campo. E contou, em detalhes, como viviam um craque da seleção brasileira, na maior e mais rica cidade do país, e um esforçado ponta-esquerda, morando num bairro de ruas de chão batido no interior paranaense.

Desde então, o universo futebolístico se profissionalizou mais e mais e o sonho de enriquecer com a bola nos pés só cresceu. Basta dizer que, na época da reportagem, o salário mínimo Brasil era de pouco mais de 530 cruzeiros e um time como o Palmeiras (estruturado, vitorioso, rico) tinha um "teto salarial" equivalente a 56 vezes esse valor.

Hoje, o valor da menor remuneração nacional (1 212 reais) é reconhecidamente insuficiente para suprir as necessidades básicas de uma família, ou seja, tem um poder de compra menor do que nos anos 1970, e quantos atletas ganham mais, muito mais do que 68 000 reais por mês? Assim como na sociedade como um todo, no futebol a desigualdade só aumentou nesse período. Leia a seguir os principais trechos do texto, que também revela que tantas outras coisas (como a esperança de brilhar e ser reconhecido) mudaram bem menos, quase nada.

FOTOS MANOEL MOTTA; AMILTON VIEIRA

# A PROFISSÃO DOS POBRES

## Acima de Ademir, poucos. Abaixo de Afonso, muitos

Onde passar as férias deste fim de ano? Nas últimas semanas, o problema preocupava Ademir da Guia, 33 anos, meia-armador da Sociedade Esportiva Palmeiras, ex-integrante de várias seleções brasileiras, chamado de Divino pela torcida e considerado pelos críticos como um dos mais completos craques de sua geração, e preocupava também sua mulher, Ximena, e os dois filhos do casal, Mirna e Namir.

A princípio, pretendiam realizar uma viagem em navio de luxo entre Santos e Manaus, para que as crianças pudessem conhecer várias capitais do Norte e Nordeste e, na Zona Franca, comprar artigos estrangeiros. Acabaram mudando os planos. Não pelos preços do cruzeiro marítimo — 8 000 cruzeiros por pessoa, perfeitamente enquadrados no orçamento familiar —, mas porque desde setembro não havia disponível qualquer cabine de primeira classe. Desde então, ficaram indecisos entre uma nova ida ao Rio e uma temporada de duas ou três semanas numa fazenda do interior paulista.

Afonso da Silva, 28 anos, ponta-esquerda do Umuarama Futebol Clube, ex-jogador de diversos times de São Paulo, de Santa Catarina e do Paraná, um único deles — o Athletico Paranaense — com status de clube grande, personagem quase anônimo do vasto elenco de atrações do futebol brasileiro, tinha uma dúvida semelhante quanto às férias, embora absolutamente desproporcional. Ele e Diomar já sabem que levarão o filho Ricardo, para passar o Natal em Altônia, mas só se sobrar dinheiro poderão esperar a entrada do Ano-Novo em Jaboticabal, no interior de São Paulo, como programaram.

Altônia, onde moram os pais de Diomar, fica a apenas 88 quilômetros de Umuarama. Afonso estava tentando encontrar passagens (a 13 cruzeiros cada uma) no ônibus que sai de madrugada, porque durante o dia os carros são velhos e, quando não quebram no meio do caminho, as janelas não vedam a poeira da estrada. Os sacrifícios costumam ser tão grandes que eles preferem a longa viagem de 700 quilômetros, com baldeação em Londrina, até Jaboticabal, terra da família de Afonso. Pelo menos é tudo por asfalto.

Ademir da Guia e Afonso não chegam a ser casos extremos no quadro do futebol profissional brasileiro. Há jogadores que, comparados com Afonso, vivem uma situação próxima à penúria. E o patrimônio de Ademir — tal como o salário — é pequeno se comparado com os de Rivellino e Figueroa, por exemplo. Mas Ademir e Afonso são bastante característicos das disparidades que, da sociedade, se refletem no futebol.

A capa de 1975: dois Brasis que perduram até hoje em dia

É evidente que, para os dois, a bola sempre rolou

de maneira desigual, oferecendo-lhes emoções e benefícios muito diferentes. Se ela fez de Ademir uma celebridade nacional, ao Afonso tornou conhecido apenas de uns poucos torcedores. Um ficou rico e realizado. O outro continua pobre — e todavia ainda é alimentado por um resto de esperança, daquela ilusão que anima tantos párias da fortuna nacional a perseguirem no futebol profissional a sobrevivência, a ascensão social.

A casa de Ademir da Guia, numa ladeira sem saída no bairro paulistano da Vila Madalena, é de difícil acesso e não chega a ser vista por quem transita, ali perto, pela Avenida Cerro Corá. Tem ampla sala, três quartos, dois banheiros completos, dependências de serviço incluindo lavanderia, jardim, quintal e garagem e foi comprada, há seis anos, por 120 000 cruzeiros — e vale agora em torno de 1 milhão. Quem entra no living impressiona-se com a maciez dos tapetes. Os móveis estão arrumados com bom gosto: poltronas e sofá vermelhos, um balcão de madeira, mesa trabalhada em estilo colonial e cadeiras forradas de veludo. Um esteta mais exigente talvez fizesse reparos a um ou outro quadro a óleo da velha pintora chilena Maria Vidal, madrinha de Ximena, quase acadêmicos, com leve influência impressionista.

Foi muito difícil, para Afonso e Diomar, encontrar uma casa para morar em Umuarama, quando se mudaram para lá, há cerca de dois anos. As disponíveis custavam caro e outras, com aluguel mais razoável, estavam em mau estado de conservação. Ajudados pelo clube, acharam uma que, dentro de suas possibilidades, parecia a ideal: cinco peças, quase toda em alvenaria e por 600 cruzeiros mensais. A mobília foi fornecida pelo Umuarama, a título de luvas no contrato de Afonso: um conjunto estofado simples, uma mesinha de centro, uma mesa vermelha de fórmica, fogão e geladeira na mesma cor. A casinha, com sua fachada toda colorida, fica numa rua de terra, sem calçamento.

No verão, o calor é forte e as largas avenidas ficam desertas no horário do almoço. Em certos dias de inverno, porém, há geadas e faz muito frio. Aí, Afonso, Diomar e Ricardo precisam de coragem para tomar banho. No banheiro, precariamente instalado num galpão de madeira, fora da casa, há apenas uma privada sem tampa e um chuveiro de água fria.

Na garagem de Ademir da Guia está estacionado o único carro da família, uma Brasília 74. Antes, eles tinham também um SP 2, mas resolveram vendê-lo.

"Um desperdício, esse negócio de dois carros", esclarece Ademir, que jamais deu importância aos carrões, ao contrário da grande maioria dos jogadores.

"O sonho dele", revela Ximena, "é um Fusca 1 200, meio caindo aos pedaços. Mas eu não deixo."

"Há quem pague 400 000 cruzeiros por um Mercedes. Eu acho que é jogar dinheiro fora", sustenta Ademir.

A mulher discorda. Sonha com um carro europeu e espera que o marido acabe lhe dando um de presente.

Em toda a vida, Afonso só teve um Volks. Um Volks 68, que comprou em 1973, quando estava no Athletico Paranaense, com financiamento de 24 meses, na mesma ocasião em que Sicupira, seu então companheiro de equipe, adquiriu um SP 2. Afonso perdeu o carro no ano seguinte.

"O presidente do clube, Hélio Mazorra, que era candidato a deputado federal pela Arena, pediu o carro emprestado para sua campanha. Prometeu que, depois das eleições, me devolvia o carro ou me dava 10 000 cruzeiros; em último caso, meu passe. O homem não se elegeu, ficou duro e deixou o clube. Acabei sem o carro, sem dinheiro e sem o passe, porque o cara sumiu daqui", diz Afonso.

MANOEL MOTTA
Ademir e a Brasília 74, o único carro da família. "Um desperdício, esse negócio de ter dois"

Das últimas sílabas de Ademir e Ximena foram formados os nomes de Mirna e Namir. Ela com 6 e ele com 5 anos, são crianças sadias, bonitas e alegres. De manhã, brincam com a meninada da rua; à tarde, frequentam a Escola Dinâmica, no elegante bairro do Pacaembu, ao preço de 1 600 cruzeiros o bimestre.

Em abril Ricardo fará 2 anos. É louro, como Diomar, e tem olhos castanhos, como Afonso. Por enquanto, dá poucas despesas aos pais, que, por acharem desnecessário ("está crescendo sem problemas"), só o levaram uma vez ao médico, em Curitiba.

"Seria bom se viesse uma menina, para formar o casal. Mas não sei, talvez seja melhor esperar", reflete Diomar.

Afonso ouve a mulher em silêncio. Aí se levanta , apanha uma bola de plástico cor-de-rosa e a lança para o filho. Ricardo chuta, sorridente, com muito jeito para sua idade. Como Namir. Mas, quase certamente, ele não terá as mesmas oportunidades na vida.

O Estádio Palestra Itália, com capacidade para umas 35 000 pessoas, é um dos bons campos de futebol do Brasil. Junto dele estão as dependências sociais do Palmeiras, desde piscinas até pistas de patinação. Em domingos de sol, o clube chega a receber 15 000 associados.

Embaixo do quase sempre bem cuidado gramado — o jardim suspenso do Parque Antártica — funcionam os departamentos diretamente ligados ao futebol profissional. Bem organizado, o futebol não depende de mais de nove funcionários, sem contar os jogadores: o técnico, o preparador físico, o auxiliar técnico, o médico, o massagista, o roupeiro e três burocratas.

Na sala do departamento médico podem ser feitas cirurgias de emergência — e, nesse caso, o paciente terá à disposição um quarto de recuperação. Mas são eventualidades raras. Anualmente, no início de cada temporada, os jogadores passam por um check-up geral na Policlínica da Aeronáutica e no Instituto de Cardiologia do Estado, classificados entre os melhores do Brasil. Quando necessitam de algum tratamento, o clube os interna no Hospital São Camilo, com o qual mantém convênio. O custo de tudo isso não se sabe com certeza. O que se sabe, sem qualquer margem de dúvida, é que os pagamentos jamais atrasam: antes do dia 10 de cada mês os salários são creditados na conta bancária dos jogadores.

O nome do estádio de Umuarama — Gigante da Baixada — continuará impróprio e exagerado até que seja concluída a obra, num futuro incerto. No pequeno lance de arquibancadas descobertas cabem, quando muito e apertadas, 5 000 pessoas; o resto do público se espreme, em pé, junto aos alambrados. O estádio pertence à municipalidade, que o cede para os jogos e para dois coletivos semanais: num campinho anexo, de terra, a equipe realiza os demais treinamentos.

Se o público não conta com qualquer conforto, jogadores e árbitros têm maiores razões de queixas: os três vestiários são barracões de madeira com alguns bancos; chuveiros de água fria e latrinas estão colocados em outro gal-

pão. O acesso ao gramado — até que bem conservado — se faz por um túnel sujo e mofado.

O Umuarama Futebol Clube, fundado em 1972, já disputou três vezes o Campeonato Paranaense, sem maiores sucessos, e não tem qualquer tipo de patrimônio, nem mesmo um telefone na sede — uma sala alugada na Avenida Brasil. Vive das contribuições de 600 simpatizantes e das rendas — o recorde em jogos oficiais foi de 28 000 cruzeiros, contra o União Bandeirante.

Não tem departamento médico, nem sala de massagens. Também, seriam supérfluos, pois o clube não mantém médico ou massagista para o elenco. Só nos jogos, aos domingos, um médico da cidade fica no banco, com o técnico e os reservas, para atender algum caso urgente e fazer presença. No resto da semana, os jogadores podem procurá-lo no consultório particular. O último massagista saiu para ganhar mais no Grêmio Maringá e foi substituído por um funcionário da prefeitura, que não é formado. A maioria dos atletas se recusa a procurá-lo, por total falta de confiança. O preparador físico ministra exercícios às terças e quintas, graciosamente. Por medida de economia, não há concentração. Afirma o diretor Válter Sucupira que a folha de pagamentos é de 48 000 cruzeiros mensais, mas é difícil acreditar que chegue a tanto.

Em 28 de abril, quando completará 34 anos, Ademir da Guia terá direito a passe livre. Ele não quer tomar nenhuma decisão sobre seu futuro antes de receber uma proposta do Palmeiras para continuar lá. Ou de ser oficialmente informado de que não mais interessa ao clube. Por sua vontade, iria encerrar a carreira no Rio, onde começou. A indecisão, contudo, não o atormenta. Se abandonar o futebol hoje, terá condições de manter o atual padrão de vida e mesmo de melhorá-lo.

Pelo menos desde 1968 ele recebe o salário-teto do clube, no momento 30 000 cruzeiros por mês. Mas seus rendimentos são bem maiores. Há os bichos, que num mês excepcional, com grandes vitórias, podem chegar aos 10 000 cruzeiros. Há os lucros e dividendos de ações e letras de câmbio. E há os aluguéis. No Rio, tem três apartamentos pagos: um no Méier, onde mora seu pai, o legendário Domingos da Guia, e dois em Bangu, alugados por 750 cruzeiros cada um. Em São Paulo, é dono de outra casa, no bairro do Sumaré, maior do que aquela onde mora e alugada por um preço abaixo do mercado: 2 400 cruzeiros por mês. E tem também um apartamento — "pequeno, com dois quartos" — na sofisticada praia paulista do Guarujá. Este não está alugado: é para uso da família.

Entre seus ganhos pessoais, Ademir da Guia não conta com os lucros das fábricas em que entrou como acionista majoritário: a Targa Florio, de escapamentos para carros esportivos, com dezoito empregados, e a Pontim, de caldeiras, em Itu (SP). Investiu nesta recentemente, comprando 51% das ações, e confessa que não sabe de cor qual é a produção ou quanto soma o faturamento.

"Eu participo desses negócios com gente em quem confio. Não tenho tempo para fiscalizar; no máximo faço algum trabalho de relações-públicas. E os lucros eu reaplico", diz Ademir.

Dez anos de futebol nada deram a Afonso — exceto a sobrevivência nesse tempo, os móveis que recebeu do Umuarama e o carro que acabou perdendo. No primeiro contrato que assinou, em 1965, com o Novo Horizonte, que disputava então a terceira divisão de profissionais em São Paulo, ganhou 80 cruzeiros por mês. Passou para 150 no Linense, em 1966. Em 1970, no Marília, recebia 1 500 "e até sobrava alguma coisa". No ano seguinte, emprestado à Pontagrossense, do Paraná, manteve o salário. De volta a Marília, sentiu-se sem condições de jogar e pediu para sair: foi vendido ao Paranavaí por 10 000 cruzeiros, não levou os 15% e sujeitou-se a ganhar menos, apenas 1 000 cruzeiros por mês. O pagamento atrasava tanto que rescindiu o contrato em troca do passe; alugou-o ao Presidente Prudente, em 1972, pelos menos 1 500 cruzeiros mensais que ganhava dois anos antes. Mais tarde jogou quarenta dias no Avaí, de Florianópolis, em troca de 3 000 cruzeiros.

Seu melhor ano, financeiramente, foi o de 1973, quando conseguiu vender o passe ao Athletico Paranaense por 15 000 cruzeiros, com salário de 2 500. Uma briga com o técnico Francisco Sarno tirou-o do time e, em janeiro de 1974, Afonso veio para o Umuarama, que o comprou pelos mesmos 15 000 cruzeiros. Assinou contrato por 2 500 cruzeiros mensais até setembro.

"Quando acabou, os homens me procuraram oferecendo a mesma coisa até agosto do ano que vem. Eu aceitei, né? Se recusasse, eles não iriam mesmo me pagar mais, porque o clube realmente não tem dinheiro. E teria de sair feito louco por aí atrás de time, me mudar com a mulher e o filho, começar tudo de novo", diz Afonso. "Tem mais: recebo pontualmente. Não sei os outros, mas recebo. Fico em cima, encho o saco dos caras até a grana sair. Se atrasar, o pessoal aqui de casa vai passar fome."

Os 2 500 cruzeiros — rendimento total, porque o Umuarama dificilmente dá bicho — são entregues à mulher, responsável pelo orçamento da família. O que sobra, depois das despesas primárias de ali-

AMILTON VIEIRA

Afonso: "Fico até emocionado, poucas vezes um repórter veio me entrevistar"

mentação e moradia, gastam assim: num mês Afonso compra roupa, no outro é a vez de Diomar, no terceiro é de Ricardo. Diariamente ela entrega 5 cruzeiros ao marido, para os cigarros. Só em alimentação a família Da Guia gasta 3 000 cruzeiros por mês.

Se a mulher deixasse, Ademir da Guia seria um homem mais rico do que é. Bastaria que, às segundas-feiras, cuidasse com mais atenção dos seus negócios. Mas ela não quer.

"Esse é o único dia em que ele pode ficar em casa conosco. Sabe, eu detesto os fins de semana. As famílias saem, vão passear, e nós, as crianças e eu, ficamos presos aqui dentro. É horrível. Pior, só quando ele viaja ou excursiona."

Para Diomar, todos os dias são iguais. O marido só não dorme com ela quando o Umuarama vai jogar em outra cidade — e isso acontece poucas vezes por ano. Dos domingos, até que ela gosta: com Ricardo no colo, vai ver Afonso jogar. E os três voltam a pé para casa, lentamente, desviando dos buracos provocados pela erosão na terra mal ocupada.

Nome: Ademir da Guia. Profissão: jogador. Valeu a pena?

"Ah, não posso dizer que não! Tudo o que tenho devo ao futebol. Mas eu sei perfeitamente que pertenço a uma minoria muito pequena. A carreira é enganosa, cheia de ilusões. Bem poucos tiveram a mesma sorte que eu", afirma.

Nome: Afonso da Silva. Profissão: jogador. Valeu a pena?

"Olha, não é fácil responder e eu me sinto até emocionado, porque poucas vezes um repórter veio me entrevistar. Mas eu não posso me queixar demais, porque afinal gosto de futebol e jogar bola é o que sei fazer, se bem que tenho um curso de torneiro mecânico e posso trabalhar quando abandonar a carreira — ganhando menos, eu acho. Quando comecei no Linense, tinha um garotinho lá que era um craque, e ninguém estranhou no dia em que ele foi para a Portuguesa. Era o Leivinha. Logo depois, o Piau saiu de lá também. Eles são ótimos jogadores, mas tiveram a sorte de acertar em times grandes e de ganhar dinheiro. Eu não tive uma oportunidade assim."

O que sobra a Afonso, do futebol, é muito pouco. Pouco patrimônio e pouca esperança: "Não disputei nenhum Campeonato Brasileiro, não tenho nenhum título, nome, carro, casa, nada. Só minha mulher, meu filho e um resto de esperança. Conheço três capitais: Curitiba, São Paulo e Florianópolis. Nunca entrei num avião. Mas continuo com meus sonhos: participar do Brasileiro, assinar um bom contrato, ir um dia do Rio e jogar no Maracanã. Queria ganhar 5 000 por mês; como consigo viver com menos da metade, poderia economizar bastante, garantir meu futuro, da Diomar e do Ricardo. E quem sabe comprar um carrinho usado. Ah, se um dia eu comprar outro, puxa, uma coisa eu juro: nunca mais um maldito de um cartola vai usá-lo para fazer campanha política e depois ficar com ele sem me dar qualquer satisfação". ■

Carlos Maranhão

# QUANDO ÉRAMOS REIS

A seleção brasileira era bi mundial e o Santos "dava bola" como ninguém. Há sessenta anos, o alvinegro praiano se tornou campeão mundial interclubes pela primeira vez. Um livro que conta a história de Lula, o técnico daquele esquadrão maravilhoso, relembra os bons tempos

Ao longo de sua história, o Brasil recebeu diversas ondas migratórias. Entre o fim do século XIX e o começo do XX, estima-se que mais de 600 000 espanhóis chegaram ao país. Entre os *gallegos* que desembarcaram do lado de cá do Atlântico, estavam os pais de um garoto que se tornaria lenda em nosso futebol: Luiz Alonso Perez, mais conhecido como Lula, nasceu em 1º de março de 1922, terceiro dos nove filhos de Manoel Carvalho Alonso e Maria Aurora Perez Passos.

Desde menino, jogava em clubes amadores e torcia pelo Santos. Aos 20 anos, uma lesão o obrigou a fazer duas cirurgias, que o afastaram dos gramados, mas não do esporte. Se tornou treinador — e que treinador. Foi sob seu comando, nos anos 1960, que o alvinegro praiano se tornou a maior máquina de jogar futebol do planeta. A escalação mais celebrada soa como poesia: Gylmar; Lima, Mauro, Calvet e Dalmo; Mengálvio e Zito; Dorval, Coutinho, Pelé e Pepe. No banco, quem comandava tudo era Lula.

A história do grande técnico, cujo centenário de nascimento foi celebrado no dia 1º, é contada em detalhes em *Lula — O Campeão Esquecido*, de Fernando Campos Ribeiro (Editora Corner). A seguir, você lê partes do capítulo 10, vivido há exatos sessenta anos. Naquele 1962, nossa seleção ganhou a Copa do Mundo pela segunda vez e Pelé, Coutinho e companhia, vestindo o uniforme branco do Santos, ganharam todos — todos! — os campeonatos que disputaram.

### CAMPEÃO DE TUDO

Em 1962, o Santos completou seu aniversário de 50 anos. O Jubileu de Ouro do alvinegro foi repleto de celebrações e conquistas. O time de Lula ganhou todos os títulos regulares que disputou: Paulista, Brasileiro, Sul-Americano e Mundial. Apenas. O regozijo do treinador santista teve seu ápice na vitória diante do Benfica, na decisão do título mundial interclubes. (...)

O ano foi importante, também, para o futebol brasileiro. Pela primeira vez defendendo o título mundial, a seleção caprichou na preparação para a disputa da Copa do Mundo. Chegou-se a cogitar a formação de um triunvirato em 1962. A comissão técnica seria formada por Vicente Feola, Aymoré Moreira e Lula, mas a ideia não seguiu adiante. O chefe da delegação, Paulo Machado de Carvalho, fez questão de inserir Lula na comissão técnica que iria ao Chile. Paulo ganhou o apelido de Marechal da Vitória, por ter sido o condutor da delegação nas vitórias nas Copas de 1958 e de 1962. Em ligação telefônica, indicou a João Havelange, o presidente da CBD, o nome de Lula. Apesar de surpreso com a sugestão, Havelange acatou prontamente o pedido. Uma das funções do treinador santista seria acompanhar as partidas dos rivais do Brasil, construir relatório sobre a equipe e dividir suas impressões com os demais membros da comissão técnica — algo semelhante ao que Lula já tinha feito junto a Aymoré, na seleção paulista.

*Lula — O Campeão Esquecido*, de Fernando Campos Ribeiro; 350 págs.; Editora Corner; 59,90 reais em pré-venda



Lula demonstrou alegria com a lembrança, mas depois de alguns dias declinou o convite. Fez questão de encaminhar carta para Paulo Machado de Carvalho, agradecendo a oportunidade e detalhando os motivos da recusa. No conteúdo da correspondência, que foi acessada pelo jornal *A Tribuna*, de Santos, Lula explicou que a presença na comitiva poderia ser percebida como ingerência em assuntos da comissão técnica. (...)

O técnico revelou certa mágoa por não ter tido a oportunidade de treinar o Brasil, em entrevista para a *Revista do Esporte*, em 1965. "Já tive ilusões de poder dirigir um escrete brasileiro. Quando meu trabalho começou a aparecer, pensei que teria uma chance de trabalhar para a CBD. Essa chance não veio e, hoje em dia, ela não me atrai. Nunca dirigi, nem dirigirei

O comandante do "time dos sonhos" de 1962: ele quase foi contratado pelo Milan, da Itália, mas recebeu reajuste salarial e ficou na praia

uma seleção do Brasil. Hoje, me sinto inteiramente realizado. Tenho todas as glórias que um treinador pode ter e não quero mais saber de seleções", confidenciou.

(...) Depois de muitas tentativas, Gylmar dos Santos Neves foi contratado pelo Santos no início de 1962. O goleiro era um sonho antigo do técnico Lula e seu nome, especulado no clube a cada começo de temporada. Depois de um período turbulento no Corinthians, Gylmar buscou no Santos um lugar para disputar títulos e consolidar-se como o goleiro titular do Brasil na Copa do Mundo. (...)

Com a chegada de Gylmar, o time ganhou ainda mais solidez defensiva. Estava formado, então, o que ficou conhecido anos depois como Time dos Sonhos. Gylmar; Lima, Mauro, Calvet e Dalmo; Mengálvio e Zito; Dorval, Coutinho, Pelé e Pepe. A escalação mais famosa da história do Santos entrou em campo pela primeira vez em julho, na vitória sobre o Palmeiras, pelo Campeonato Paulista. Estes onze jogadores atuaram juntos em apenas nove oportunidades, a mais famosa delas na terceira partida da final da Copa Libertadores. Foram oito vitórias e apenas uma derrota.

(...) Em maio, Lula iniciou conversas para assumir o comando do Milan, da Itália. O próprio treinador revelou a tratativa, em contato com o *Jornal dos Sports*. Lula indicou que ficaria um ano na Itália e retornaria em seguida. Citou, também, que pediu 10 milhões de cruzeiros a título de luvas e 500 000 cruzeiros mensais (recebia cerca de 90 000 no Santos). O interesse do Milan foi rentável ao treinador santista. Com medo de perder o comandante do time, a diretoria santista ofertou um reajuste salarial a Lula, em 30 000 cruzeiros. (...)

A conquista da Taça Brasil no ano anterior habilitou o Santos a participar da Copa Libertadores da América. O torneio não continha o glamour dos dias de hoje,

mas foi levado a sério pelos santistas. Entretanto, a primeira partida do time na competição não teve a presença de Lula. Por orientação médica, o treinador não seguiu junto à delegação para La Paz, na Bolívia. Os efeitos da altitude poderiam prejudicar Lula. A orientação técnica ficou por conta de Formiga e Calvet. Na primeira fase, o Santos superou os bolivianos do Deportivo Municipal e os paraguaios do Cerro Porteño.

Na semifinal, o Universidad Católica, do Chile, foi batido, mas com dificuldade. No primeiro prélio, empate. Jogando na Vila Belmiro, bastaria ao Santos vencer para qualificar-se à final. Nesta partida, o técnico Lula não pôde contar com Coutinho e Pelé e resolveu apostar no jovem Cabral, atacante oriundo das categorias de base do clube. O torcedor do Santos conhece bem Cabral, o Cabralzinho: ele treinou o Santos em algumas oportunidades, a mais famosa delas na campanha de 1995, que levou o time ao vice-campeonato brasileiro. No primeiro minuto de jogo, o jovem perdeu uma grande chance de abrir o placar. Zito marcou o gol da vitória, antes do intervalo. Com uma dose de sofrimento, o Santos chegou à grande decisão.

(...) A decisão da Libertadores foi iniciada em 28 de julho, na capital uruguaia, Montevidéu. O adversário foi o Peñarol, campeão das duas únicas edições da competição disputadas até aquele momento. Mesmo desfalcado de Pelé, o Santos foi superior e venceu a primeira partida, com dois gols de Coutinho. O triunfo fora de casa deu ao time de Lula a condição de ser campeão com um empate, jogando em seus domínios. Os dirigentes do Peñarol fizeram pressão para que a peleja ocorresse em São Paulo e até o Maracanã foi cogitado. A diretoria santista bateu o pé por jogar na Vila Belmiro. Em 2 de agosto de 1962, uma quinta-feira, brasileiros e uruguaios entraram no gramado do estádio Urbano Caldeira próximo às 21h15, sem saber que aconteceria, ali, uma das partidas mais tumultuadas da história da Libertadores.

Do onze inicial ideal, Lula não contava com Pelé, lesionado, então Pagão vestiu a camisa 10. O equatoriano Spencer abriu o placar para os visitantes no início do jogo, mas os gols de Dorval e Mengálvio estabeleceram a vantagem santista. Até o intervalo, tudo tranquilo. A Vila recebeu grande público e o recorde de arrecadação foi quebrado, mais de 5 milhões de cruzeiros rendeu a bilheteria. Nos primeiros minutos da segunda etapa, o Peñarol marcou duas vezes. Nas duas jogadas que resultaram em gol, polêmica. No primeiro, o atacante Sasía atirou terra nos olhos do goleiro Gylmar, que, sem poder enxergar, não cortou o cruzamento que culminou no gol de cabeça de Spencer. Os jogadores do Santos foram para cima do chileno Carlos Robles, mas o gol foi validado. (...)

Um minuto após o empate, o Peñarol marcou mais um e retomou a vantagem. Sasía ganhou a disputa com o zagueiro Calvet e finalizou ao gol para vencer Gylmar. Os santistas reclamaram de falta do atacante uruguaio na jogada e o tempo fechou na Vila. Os jornais indicam que Sasía puxou faltosamente Calvet na disputa, mas o árbitro Robles ignorou os protestos. A torcida do Santos ficou enfurecida. Duas garrafas de vidro foram atiradas ao gramado e uma delas acertou Carlos Robles, que foi ao solo. Existem relatos de que o objeto não acertou o apitador, mas esse fato nunca foi comprovado. "Diante de tais desmandos seguidos do juiz, era de esperar uma reação do público, condenável sem dúvida, mas justificável, tal o enervamento em que se encontrava", publicou o jornal *A Tribuna*, de Santos, no dia seguinte ao jogo, relativizando o comportamento agressivo da torcida santista.

A agressão paralisou a partida por mais de uma hora, enquanto o chileno recebia atendimento médico. Robles deu a partida por encerrada, com vitória dos uruguaios, pois não havia condições de segurança para continuidade. Nos vestiários da arbitragem e recebendo cuidados médicos, o apitador foi duramente confrontado por Lula e Athiê Jorge Coury, presidente do Santos. Segundo relatos de Robles, ambos insultaram-no e ameaçaram não garantir sua vida, caso a partida não fosse reiniciada. Membros da cúpula da Confederação Sul-Americana, dirigentes do Santos e do Peñarol reuniram-se para definir o futuro da partida. Nesse ponto há divergência nas versões dos fatos. Os brasileiros indicam que o prosseguimento normal da partida foi acordado junto aos demais. Os uruguaios garantiram que ficou definido que o resultado parcial seria confirmado, mas a partida seguiria até o fim para evitar mais transtornos com os torcedores presentes. "Recebemos a palavra dos dirigentes de que a partida estava vencida, mas tínhamos que seguir jogando para que não matassem a todos. Não havia garantias por parte das autoridades e da polícia", disse anos depois o jogador Néstor Gonçalvez, do Peñarol, em entrevista ao portal futbol.com.uy, especializado em futebol uruguaio. "Inclusive Guelfi *(presidente do Peñarol)* me disse que, quando foi ao vestiário do juiz, houve ameaças com armas de fogo", completou o uruguaio.

A pancadaria da final da Libertadores de 1962, na Vila, contra o Peñarol: garrafas de vidro arremessadas ao gramado

ACERVO SANTOS FUTEBOL CLUBE

O jogo foi reiniciado e o Santos empatou a partida, com gol de Pagão. Na comemoração do tento, outra garrafa foi atirada ao gramado e desta vez o atingido foi o auxiliar Domingo Massaro. Nova paralisação, mas por apenas poucos minutos. Próximo ao fim do jogo, outra situação inusitada. O árbitro assinalou pênalti para o Peñarol e com nova reação agressiva da torcida, mudou de ideia. "A bola já estava colocada para a cobrança do pênalti, mas começaram a jogar de tudo no auxiliar, que levantou a bandeira inventando um impedimento de nosso ataque. Fui falar com o árbitro chileno, nos conhecíamos de tanto que ele apitava jogos do nosso time e ele me confirmou: 'Tito, queremos chegar todos vivos em nossas casas, imagino que vocês também'. Ali eu entendi tudo", revelou Gonçalvez.

O empate em 3 a 3 deu ao Santos o título sul-americano. Por algumas horas. Longe de Santos, o árbitro Carlos Robles fez conhecer a decisão de que os minutos finais foram disputados em caráter amistoso. O placar final foi favorável ao Peñarol, que venceu a peleja por 3 a 2. A "Noite das Garrafadas" entrou para o histórico peculiar da Copa Libertadores e certamente trata-se da final mais confusa dos mais de 60 anos de disputa da competição.

A vitória uruguaia forçou a realização de jogo-desempate, em Buenos Aires, campo neutro.

A diretoria santista exigiu que o árbitro fosse europeu. Com Pelé restabelecido e o holandês Léo Horn no apito, o Santos foi amplamente superior e venceu por 3 a 0 sem dificuldades. Depois de tantos entreveros, Lula e seus comandados eram campeões continentais. O primeiro clube brasileiro a atingir tal feito. O primeiro treinador brasileiro a atingir tal feito.

Como campeão da América do Sul, o Santos credenciou-se para a disputa do Mundial Interclubes. O confronto entre campeões europeus e sul-americanos era o tira-teima das principais forças futebolísticas do planeta no futebol de clubes. Alguns referem-se como Copa Intercontinental, mas o status concedido ao vencedor era de campeão mundial. O adversário do Santos foi o Benfica, que venceu pela segunda vez a Copa dos Clubes Campeões Europeus em 1962. Os portugueses tinham batido o famoso Real Madrid na grande final, o que aumentou ainda mais a sua fama — no ano anterior, tinham vencido o Barcelona na decisão.

(...) O primeiro jogo teve mando do Santos e foi disputado no Maracanã. A intenção da diretoria santista era potencializar os ganhos com bilheteria e, também, evitar a presença maciça de torcedores rivais — em São Paulo, poderiam compor alguma torcida pró-Benfica. A estratégia mostrou-se bastante acertada e catapultou a fama do Santos na antiga capital federal. Ávidos por assistir a um confronto tão grandioso, os cariocas compareceram em grande número e 85 459 pessoas pagaram ingressos. Com a majoração nos preços, a renda ultrapassou 31 milhões de cruzeiros e quebrou o recorde de arrecadação do estádio carioca.

Lula teve a oportunidade de escalar seus principais jogadores, o famoso onze inicial conhecido por quase todo torcedor do Santos. O alvinegro praiano venceu por 3 a 2, com boa atuação do ataque, mas com a defesa levemente vacilante. "Todos os jogadores corresponderam quanto à fibra e disposição para a luta e se mais não fizeram, deve-se à tática e ao entusiasmo dos portugueses, que mostraram ótimas condições físicas e técnicas. A segunda peleja, em Lisboa, não será nada fácil, mas temos tempo para preparar o quadro e acredito que possamos apresentar ali atuação melhor", declarou Lula após o apito final.

A capital portuguesa foi o palco da segunda partida. O entusiasmo pela presença do time do Santos era percebido nas ruas e foi relatado em diversos veículos de comunicação. Todos queriam estar próximos aos famosos futebolistas brasileiros, Pelé em especial. "São conhecidas as histórias das apostas dos jogadores do Santos com os funcionários portugueses do hotel em que ficaram hospedados, em que os brasileiros garantiam que não haveria terceiro jogo e os portugueses não duvidavam que existiria. Porque para eles era impossível o Benfica perder na Luz", explicou Filipe Inglês. (...)

Como os sócios do Benfica tinham prioridade na compra dos ingressos, muitas pessoas se associaram na semana da partida. Foram mais de 70 000 entradas comercializadas e o Estádio da Luz esteve abarrotado para acompanhar de perto a grande decisão. Os resultados positivos do Benfica jogando em seus domínios concediam grande confiança aos torcedores. O jornal *A Tribuna*, de Santos, publicou que o clube português chegou a imprimir e vender ingressos para um eventual terceiro jogo, pois estavam certos de que o Benfica venceria. Trata-se da única fonte na imprensa que indica a venda antecipada, mas nunca um exemplar desses ingressos foi encontrado — nem mesmo entre colecionadores desse tipo de *memorabilia*.

Feola com Garrincha, em 1962: a ideia da CBF era pôr Lula na comissão técnica

(...) A preparação foi bastante tranquila, mas Lula teve um problema na montagem da equipe. Mengálvio estava se recuperando de lesão e talvez não pudesse suportar 90 minutos de uma partida bastante disputada. A impossibilidade de substituição a qualquer tempo era uma preocupação, pois

SOCCER MUSEUM OF ENGLAND

jogar com um a menos na casa do adversário diminuiria muito as chances de vitória. Outro ponto a considerar foi a boa forma do ponta-esquerda do Benfica, Simões. Na partida do Maracanã, Lima teve problemas em conter o rápido português e as jogadas pela esquerda eram um ponto forte do ataque encarnado.

A escalação foi divulgada aos jogadores somente nos vestiários. Depois da preleção geral aos atletas, Lula começou a entregar as camisas seguindo a ordem numérica. Deu a número 1 a Gylmar, a camisa 2 a Mauro, a 3 ficou com Dalmo. Na partida de ida, Lima jogou como lateral-direito e vestiu a camisa número 4. Era natural que, pela ordem, Lula entregasse a ele a próxima camisa. O treinador segurou a camisa e entregou a Olavo, para surpresa de Lima. "No momento que o Olavo recebeu a camisa, pensei que ficaria de fora do jogo", relembrou Lima. "Meu pai contou que na noite anterior, Lula procurou ele e Mauro. Encontrou-os no elevador e foram até o quarto. Explicou sua tática e pediu que não revelassem aos demais companheiros", explicou Olavo Filho, filho do zagueiro Olavo. Quando Lula chegou ao número 8, Lima recebeu sua camisa. Seria titular. Ao final da entrega das camisas, o técnico santista explicou os motivos de sua escolha. Olavo era muito firme na marcação e ficaria com a função de parar Simões. Lima era mais móvel do que Mengálvio e daria maior dinâmica ao meio de campo alvinegro. (...)

São belas as imagens dos times perfilados em frente ao mar de gente nas bancadas do Estádio da Luz. Uma pena que o jogo completo não esteja disponível, não há relatos de que exista o videoteipe daquele jogo na íntegra. O Benfica chegou a assustar no começo do jogo e Simões mandou uma bola ao travessão, mas o que se viu a seguir foi uma exibição marcante do time santista. Com 32 minutos do segundo tempo, o placar apontava 5 a 0 para o Santos, com domínio absoluto dos brasileiros. No fim da partida, o Benfica marcou duas vezes e o placar foi encerrado em 5 a 2. Muitos consideram a maior exibição de uma equipe no futebol de clubes. Muitos consideram a maior exibição individual da carreira de Pelé. No fim da partida, o público invadiu o gramado para aplaudir os jogadores do Santos. Felizes pela conquista e pela apresentação histórica, os brasileiros deram duas voltas no campo para saudar os torcedores. (...)

A festa nos vestiários foi comovente. Quando Lula ingressou no recinto, foi abraçado e beijado por todos os presentes. Os jogadores levantaram-no e gritaram: "Viva o técnico campeão do mundo". O time de Luiz Alonso Perez estava no topo do futebol mundial. Lula consagrou-se o primeiro treinador brasileiro campeão do mundo por um clube.

(...) Pela vitória, os jogadores do Santos foram agraciados com premiação recorde para um clube brasileiro: 1 milhão de cruzeiros a cada um. Os jornais não indicam, mas Lula deve ter sido remunerado em quantia semelhante. Inebriado pela exibição de gala de seus comandados, o treinador deixou até a modéstia em segundo plano nos vestiários do Estádio da Luz. "Não estou surpreso. O Benfica poderia ter decidido o *match* no primeiro quarto de hora, mas depois não houve problema. Pelé, mais uma vez, foi uma grande figura", disse Lula.

(...) Antes do fim do ano, ainda houve tempo para mais uma conquista: com três rodadas de antecedência, o Santos garantiu o tricampeonato paulista. No jogo que sacramentou o título, um verdadeiro passeio no São Paulo e vitória por goleada. "Todas as ordens e táticas foram cumpridas e o time entendeu-se maravilhosamente", disse Lula algum tempo depois, quando classificou essa partida como a melhor enquanto treinador. (...) O Santos estava no topo, não importava qual torneio disputasse. Manter esse status seria muito difícil e o ano seguinte provou isso. ■

IANCA LOUREIRO/MUSEU DO FUTEBOL

# A *MONALISA* DO ESPORTE PARA APRECIAÇÃO POPULAR

A camisa usada por Pelé em seu jogo número 1000, oferecida a ele por PLACAR no início de 1971 e levada à capa da revista com a Bola de Prata como *hors-concours*, está agora exposta numa das salas do obrigatório Museu do Futebol, debaixo das arquibancadas do Pacaembu, em São Paulo

**Fábio Altman**

A camisa amarela de algodão que Pelé usou contra a Itália na final da Copa de 1970 é uma das relíquias do Museu do Futebol, em São Paulo. Ela fica exposta numa vitrine ao fundo de uma vasta sala, no segundo andar, em que se revela a trajetória brasileira em Copas do Mundo. É como a *Monalisa* do Louvre, solene, mágica. Contudo, objetos de tecido são suscetíveis à ação do tempo e do ambiente, e só por ficar pendurada tende a se deformar com o próprio peso. Por isso, ela é periodicamente retirada da exposição e posta para descansar na horizontal, em uma gaveta sem incidência de luz. O que fazer, então, quando a mítica 10 sai de cena? Garimpar outros tesouros. No início de 2022, os responsáveis

Um tesouro em São Paulo: temporariamente no lugar da canarinho usada pelo rei em 1970

pela instituição paulistana escolheram a camisa bicolor, estampada com listas pretas e de um verde-bandeira profundo, com o número 1 000 costurado no peito e a inscrição: "PLACAR". Ela tem a gola redonda, é da marca Athleta. Foi usada pelo rei ao entrar em campo em sua partida de número 1 000, em 28 de janeiro de 1971, em Paramaribo, no Suriname, numa partida do Santos contra a equipe Transvaal. A ideia é que ele a usasse para receber a Bola de Prata , como *hors-concours*. Apareceu na capa da revista com a data de 5 de fevereiro de 1971.

"É a peça de minha coleção que mais admiro", diz o desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo e professor da Escola de Administração da FGV, Moacir Andrade Peres, um dos mais cuidadosos colecionadores do país. Ele a comprou em 2013, de um outro fã zeloso do colecionismo, por 19 300 reais. Peres tem uma das mais espetaculares coleções de álbuns de figurinhas do Brasil. "Temos atenção especial com o patrimônio imaterial do futebol, ainda que haja muita cultura material, e nesse contexto zelamos por objetos simbólicos, que podem representar quase toda a história do esporte no Brasil", diz Marília Bonas, diretora técnica do Museu do Futebol. É, de fato, uma camisa de entortar o varal, para usar o nome desta seção da revista. Não por acaso ela foi parar ali onde está agora, debaixo das arquibancadas do Pacaembu. Ressalve-se que o museu não tem um "acervo" — é feito de fotos, vídeos, áudios e desenhos. É a bonita imaterialidade a que se refere Marília Bonas. O único exemplar próprio, inegociável, é a canarinho de Pelé.

A capa histórica com data de 5 de fevereiro de 1971: foto feita num amistoso do Santos em Paramaribo, no Suriname

Daí a relevância da camisa verde e preta que trilhou sua fama inicial na capa e nas páginas de PLACAR estar agora em espaço nobre. Ela tem uma trajetória curiosa. Foi usada pelo jornalista Paulo Henrique Amorim (1943-2019), então repórter de VEJA, nas peladas dos profissionais da Editora Abril, na virada dos anos 1960 para 1970. Amorim, que não era lá muito bom de bola — gostava mesmo é de basquete —, a cedeu para o fotógrafo Lemyr Martins, encarregado de acompanhar o milésimo jogo de Pelé no Suriname. Os números em branco foram cuidadosamente costurados por Dione, mulher de Martins. "Ela era psicóloga, não costurava muito bem, daí o desalinho dos números", disse em reportagem de PLACAR em 2013. Pelé depois daria a camisa ao treinador do time, Antoninho Fernandes, que fora um cracaço do Peixe, e que morreu em 1973.

Em 2012, seu filho, José Roberto, expôs a peça em um antiquário em Santos, a cujo sócio acabou vendendo o uniforme. Em seguida, chegaria às mãos de Marcos Batista, que negociava antiguidades em um estabelecimento próximo à feira do Bixiga, em São Paulo. E então o desembargador Peres a comprou. "Tenho apreço simultaneamente doce e amargo por ela", diz. "Foi vestida por Pelé, o que a faz única, é uma joia rara insubstituível, mas como sou corintiano não consigo deixar de lembrar que o rei exibiu sua maestria preferencialmente contra meu time do coração." Sensações como essa — imateriais, sim — é que fazem a grandeza daquele pedaço de algodão, momentaneamente totem inescapável do Museu do Futebol, paraíso para quem gosta de entender a sociedade brasileira por meio da mais popular das atividades. PLACAR tem orgulho de fazer parte desse bonito capítulo do futebol brasileiro. ■

# A SUPREMA AUTORIDADE

Nunca houve um juiz de futebol como Armando Marques, que adorava estar na ribalta e fazia de seus erros combustível para seguir em frente. Uma de suas primeiras aparições em PLACAR foi, como sempre, ruidosa

Nos anos 1970: muitas vezes ele aparecia mais que os jogadores

RODOLPHO MACHADO

Antes do VAR, antes que aos xingamentos contra a mãe dos juízes se somassem à gritaria contra os recursos de tecnologia, houve Armando Marques, o mais conhecido árbitro de futebol dos anos 1960 e 1970. Ele era amado e odiado, assunto de conversas de botequim e tema de manchetes de jornais. Armandinho, como era carinhosamente chamado, esteve sempre na ribalta. Em janeiro de 1971, deu entrevista a PLACAR, assinada pelo ótimo repórter Teixeira Heizer. Lá se vão 51 anos, e convém revisitar a edição com os olhos daquele tempo. Hoje, seria inaceitável. Na página de abertura, aparecia envolto numa ilustração cor-de-rosa — apenas porque era homossexual. Na conversa, ele próprio usa a expressão "bicha", que foi devidamente engavetada, por absurda e preconceituosa. Armando diz ter errado apenas duas vezes na carreira, ao menos até ali. Erraria outras tantas, depois. Em 1973, na final do Campeonato Paulista, encerrou a cobrança de pênaltis quando o Santos de Pelé vencia por 2 a 0, mas com chance de empate da Portuguesa, que ainda tinha duas cobranças a fazer. O erro causou a divisão do título entre os dois clubes. Ele pediria desculpas, diria ter perdido outras noites de sono, mas nada que o fizesse descer da torre de marfim dos grandes personagens da história do futebol brasileiro. Armando Marques morreu em 2014, aos 84 anos.

# "Seu eu fosse mulher, queria ser a Leila Diniz"

Sir Stanley Rous sugeria que o futebol passasse a ser apitado por dois juízes.

## "Dois juízes é piada. E a minha majestade?"

Inteligente, cheio de charme Armando Marques sabe o que quer: "Se eu fôsse mulher queria ser a Leila Diniz, que é boa paca". Na mesma hora, com a mesma seriedade, Armandinho fala de futebol, de seu grito de guerra, conhecido em todos os estádios, de seus erros.

PLACAR 21



Inteligente, cheio de charme, Armando Marques sabe o que quer: "Se eu fosse mulher, queria ser a Leila Diniz, que é boa paca". Na mesma hora, com a mesma seriedade, Armandinho fala de futebol, de seu grito de guerra, conhecido em todos os estádios, de seus erros.

O sorriso é franco. A hospitalidade, gostosa. A alegria, verdadeira. Uma pergunta, e tudo vai por água abaixo. Armando Nunes Rosa da Castanheira Marques dá um pulo na cadeira, ergue o dedo e fura o espaço:

— Dois juízes em campo? Não admito, não admito. Só como piada de sir Stanley Rous.

O todo-poderoso presidente da Fifa quer desmoralizar os juízes de futebol, acabar com a organização dentro de campo.

— Dois mandando ao mesmo tempo seria o caos. A autoridade tem de ser suprema. Dois homens correndo dentro de campo tiraria a estética do jogo. Não, não me fale nisso. Não dá certo.

Sir Stanley Rous quer transformar os juízes em pobres joguetes, destruir a imagem deles:

— Se eu não mantiver minha autoridade dentro de campo, estou roubado. Às vezes tenho de tomar atitudes a contragosto. Expulsar Pelé, por exemplo. Dói por dentro, mas não há outro remédio.

O Armandinho cheio de gestos, de vontades, que irrita a torcida, é um homem natural.

— Sou assim. Cada um é como é e faz o que seu temperamento pede. Juro que sou diferente de você em várias coisas. Gosto de coisas que você não gosta.

Armando Marques é um tipo elétrico. Faz questão de nome escrito por extenso, gosta de seu ar pomposo. Agora trata da mudança de seu apartamento, mostra-se um pouco envergonhado pela desarrumação da casa.

— E as compras. Está tudo tão caro. Aqui eu tenho de ser dona de casa também. Mas, como eu sou conhecido, tudo fica mais fácil. Agora mesmo acabei de comprar um fogão de oito bocas, com pagamento a crédito. Se ajusta direitinho à decoração de minha cozinha.

Apesar de considerar o assunto "muito conflitante", capaz de gerar "uma grande polêmica", Armando volta a falar dos problemas enfrentados pelos juízes.

— O público e os jornalistas estão sempre malhando os juízes. É um direito deles. Tenho o maior respeito pela torcida, não recebo seu coro como insulto. Até já o aceitei como meu grito de guerra. Só fico triste porque este grito "bicha" já está meio desmoralizado. Agora o coro é usado para qualquer juiz por aí. É o fim.

Para uns o melhor juiz do Brasil. Para outros o pior. Capaz de errar?

— Olha, eu já fui para o pelourinho várias vezes. Mas só duas vezes não dormi tranquilo. A primeira foi naquele gol que o Wilton fez com a mão, num Fla-Flu. Acho que fui a única pessoa no Maracanã que não viu o lance. De noite, fiquei com vergonha de mim mesmo quando vi o lance na televisão. A jogada foi passada várias vezes. Parecia uma tortura. Até hoje me lembro disso.

Outra jogada que marcou Armandinho aconteceu numa partida entre São Paulo e Corinthians, decidindo o turno do Campeonato Paulista de 1967.

## Armandinho: Gosto de coisas que ninguém gosta.

**O COMENTARISTA**

## Só errei duas vêzes. E por isso não consegui dormir.

**DISCRETO..**

### A lei é uma só. Mesmo.

A edição de janeiro de 1971: o preconceito da abertura cor-de-rosa



— Foi na cobrança de um escanteio. O beque rebateu e Rivellino emendou, quase sem ângulo. Quando vi, a bola estava nas redes. Dei o gol. Mais tarde, com calma, estudei o lance e cheguei à conclusão de que a bola entrara depois de furar a rede. Opiniões insuspeitas me levaram ao mesmo raciocínio. Mas já era tarde. Coitado do São Paulo.

Uma coisa Armando Marques faz questão de frisar: um bom juiz tem de esquecer seus erros.

— Em futebol a gente tem de errar depressa e esquecer mais rápido.

Armando Marques conhece as regras do jogo como a palma da mão. Elas são seu catecismo. Faz questão de explicar que não basta apenas decorá-las. Devem ser, antes de tudo, interpretadas com muita inteligência.

— O assunto é tão importante que o próprio Stanley Rous já foi presidente da Comissão de Arbitragem da Fifa. Ainda hoje é seu presidente de honra. Ele sabe que não deve fazer alterações. Se as leis do jogo têm pontos conflitantes e polêmicos, eles devem permanecer como focos geradores de paixão. Se tudo fosse certinho, o futebol perderia muito de sua emoção. As regras devem ser como são. Até seus erros estão bem situados no texto e no jogo.

A valorização do juiz é fundamental para Armando Marques, que coleciona seus troféus num grande armário. Armandinho diz não ter recordações amargas do futebol, nem mesmo de sua ausência na última Copa. Sabe de casos de corrupção no futebol. No Rio, em São Paulo, na América do Sul, no mundo.

— Não, não queira saber de nada. Esse é o lado podre do futebol, prefiro não comentá-lo. O futebol pra mim é só o lado bom. Afinal, sou o juiz mais bem pago do Brasil e não poderia enlamear meu meio de vida. Às vezes não sou compreendido, mas a soma dos bons momentos supera em muito os maus instantes que vivi.

Meio místico (ele lava com sal sua camisa negra, depois dos jogos, e antes de pisar no campo obedece a todo um ritual espírita no vestiário), Armando Marques é assim mesmo, um juiz que faz questão de ser moderno, de ser ele mesmo.

— A imagem do juiz velho, gordo e com cara de sério já está superada. O juiz tem de acompanhar a própria evolução do futebol. E não precisa ser velho nem machão para ser um bom juiz. ■

Teixeira Heizer

# MONUMENTO PORTENHO

O River Plate vencia o Vasco por 1 a 0 no jogo de volta da semifinal da Libertadores da América de 1998. O resultado levaria a partida para os pênaltis, no Monumental de Nuñez. E então Juninho Pernambucano — apenas Juninho, naquele tempo — se posicionou para uma cobrança que virou lenda

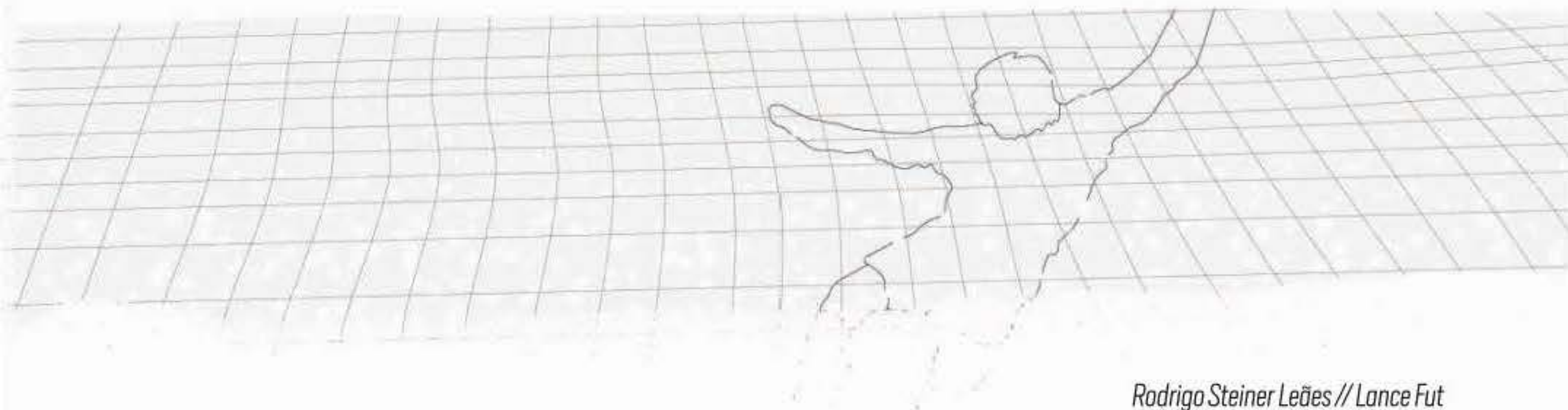
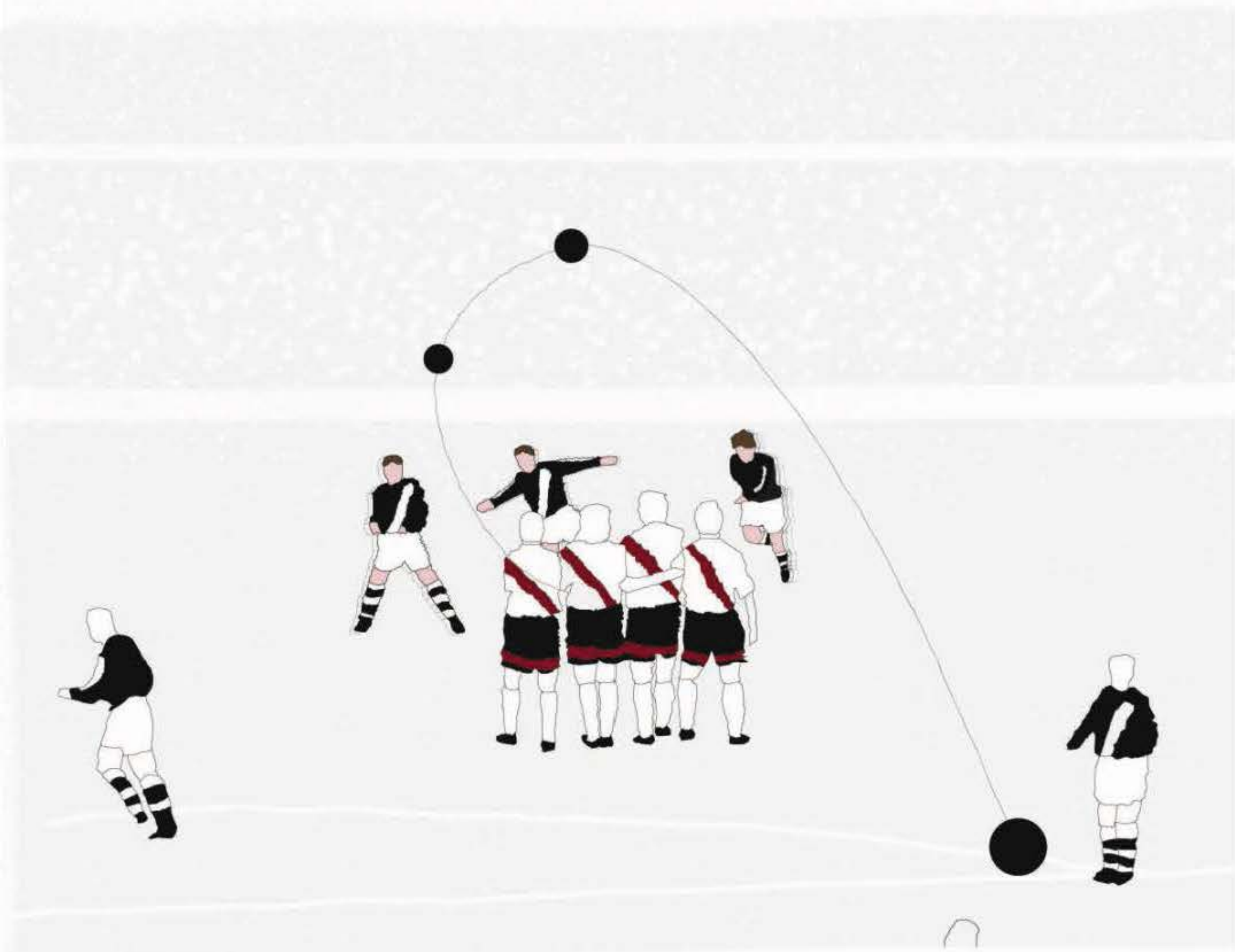
Quem é que tem a honra de ouvir um de seus tentos citado em letra de canto da torcida? Poucos, muito poucos. Juninho Pernambucano tem. Assim: "Vou torcer pro Vascão ser campeão / São Januário, meu caldeirão / Vasco, a tua glória e a tua história / É relembrar o "Expresso da Vitória" / Contra o River sensacional (gol de quem?) / Gol do Juninho, monumental". O Expresso da Vitória a que se refere o cântico foi o time cruz-maltino de 1944 a 1953, matador, implacável, liderado pelo príncipe Danilo Alvim. O gol, o gol eternizado, foi marcado por Juninho em 22 de julho de 1998.

Era a segunda partida da semifinal da Libertadores da América que o Vasco levaria para a Colina. Na primeira, vitória por 1 a 0 contra o River Plate da Argentina, em São Januário, gol de Donizete. Foi um resultado bom, mas não extraordinário. Os argentinos, em casa, sabemos, são sempre complicados. E então, na volta, Sorín abriu o placar, depois de cobrança de falta de Galhardo. O River pressionava, encaminharia a classificação se marcasse mais uma vez. Galhardo, sempre ele, perigoso, perdeu duas oportunidades ainda no primeiro tempo. O time carioca chegou com Luizão, que sofreu um pênalti não marcado pelo árbitro (era o mundo pré-VAR). No segundo tempo, a toada seguiu no mesmo ritmo: o River no ataque, o Vasco encolhido. Era preciso melhorar o passe, ficar mais tempo com a bola, segurá-la até aparecer alguma boa oportunidade para o empate.

O treinador carioca Antônio Lopes tirou da cartola Juninho, que estava no banco, para entrar no lugar de Luizão. Daria certo, e como, é o que a história ensinou. Naquele instante, o Reizinho começava a virar lenda entre vascaínos. O 1 a 0, lembremos, levaria o jogo para os pênaltis. Aos 37 minutos, Montserrat cometeu falta em Vágner na intermediária, a 30 metros das traves. A cobrança foi retardada até não mais poder, resultado da inigualável catimba portenha. Juninho bateu firme de pé direito. A bola subiu, subiu, fez uma curva impressionante, como se desafiasse a lei da gravidade, e foi morrer na gaveta superior à direita do goleiro Burgos. Ele foi ao gramado, caído rente ao pau, e quase o abraçou, à guisa de consolo diante do que acabara de acontecer no estádio Monumental de Nuñez.

**Ele bateu firme, de pé direito. A bola subiu, subiu, fez uma curva impressionante, como se desafiasse a lei da gravidade, e foi morrer na gaveta superior à direita do goleiro Burgos**

O "gol monumental" de Juninho — naquele tempo ele ainda não ostentava a alcunha geográfica — foi a obra-prima de um dos maiores batedores de faltas da história. Não há exagero nessa afirmação. Ele anotou 77 vezes em tiros diretos. O período mais prolífico aconteceu em seu auge com a camisa do Lyon, somando 43 bolas na rede, do total de 100 gols marcados na França. Pelo Vasco, foram 22, dos 76 pela equipe do Rio. Pelé, a título de comparação, marcou setenta vezes com a camisa do Santos e da seleção em batidas diante de barreiras nervosas e goleiros assustados. Ronaldinho Gaúcho, 66. Rogério Ceni tem 63, e louve-se sem cessar a grandeza do goleiro artilheiro. Zico e Maradona têm 62. Marcelinho Carioca, 59. E mais: Juninho só perde para Cristiano Ronaldo e Del Piero em números de gols de falta na Champions League.

A monumentalidade de Juninho o levou inclusive a virar o centro de uma investigação científica. No livro *How to Score: Science and Beautiful Game* (Como Marcar: Ciência e Jogo Bonito, em português)", de 2006, o físico inglês Ken Bray afirmou que o brasileiro foi o maior de todos os cobradores de faltas. Para Bray, há três tipos de batidas na bola: a "topspin", em que a bola flutua suavemente como no tênis; a "sidespin", que tem efeito lateral; e a "knuckleball", em que a bola não apresenta grande efeito, mas varia demais os seus movimentos durante o percurso. Juninho é dos poucos, ou mesmo o único, a dominar as três técnicas. Monumental. ■

Rodrigo Steiner Leães // Lance Fut
instagram: @lance_fut
site: lancefut.com

# MUITO ALÉM DO GAUCHÃO

O Inter campeão brasileiro de 1975 era um escrete, liderado por Figueroa, Falcão e Carpegiani. Havia naquele time espetacular jogadores menos estrelados, como o velocíssimo ponta-esquerda pernambucano Lula, que morreu em 11 de fevereiro, aos 75 anos, no Recife

**Gabriel Pillar Grossi**

Luís Ribeiro Pinto Neto, o Lula, era um azougue. Ponta-esquerda veloz e goleador, driblava fácil e chutava forte. Consagrou-se pelo Fluminense, com três títulos estaduais e o Torneio Roberto Gomes Pedrosa de 1970. Disputou 377 partidas pelo time das Laranjeiras, com 102 gols. No entanto, justamente quando o clube montou a famosa Máquina Tricolor, no início de 1975, Lula não estava mais lá. Mostrava seu talento com a camisa vermelha daquele que é considerado por muitos o maior Inter da história, bicampeão brasileiro em 1975 e 1976. A morte de Lula, em 11 de fevereiro, é ótimo pretexto para relembrar aquele esquadrão.

Garantem os colorados mais veteranos que a montagem daquele grande time começou com a inauguração do Beira-Rio, em 1969. Com o novo estádio, quebrou-se a hegemonia do Grêmio (que tinha sido heptacampeão gaúcho em 1968) e começou a maior onda vermelha de todos os tempos. O Inter venceu o estadual por oito anos seguidos, até 1976. Antes disso, chegou por três vezes consecutivas entre os quatro melhores do Brasileirão, em 1972, 1973 e 1974. Quando começou a temporada 1975, o time tinha Rubens Minelli no banco e era um dos favoritos ao título nacional — o Flu de Rivellino, Caju, Felix e Marco Antônio e o Cruzeiro de Raul, Nelinho, Piazza, Palhinha e Joãozinho sempre apareciam no topo dessa lista também.

A pressão por um triunfo vermelho, numa época em que nenhum time gaúcho tinha vencido um torneio de expressão nacional, era enorme. No ano anterior, Minelli, Manga e Lula tinham chegado para se juntar ao fenomenal zagueiro chileno Figueroa, ao jovem volante Falcão (recém-saído da base) e ao ponta-direita Valdomiro (o único que estaria presente nos oito títulos do Gauchão). O resto é história. Mesmo jogando no Maracanã, o Inter não deu chances ao poderoso Fluminense na semifinal. E, diante de um Beira-Rio totalmente lotado, derrotou o Cruzeiro com o famoso "gol iluminado" de Figueroa — Valdomiro bateu uma falta da direita e o capitão saltou para cabecear justamente no único ponto da grande área em que havia um raio de sol. ■

Uma das escalações, aqui sem Caçapava: Manga; Cláudio, Figueroa, Hermínio, Vacaria e Falcão *(atrás)*; Valdomiro, Escurinho, Flávio, Carpegiani e Lula

J.B. SCALCO

REPRODUÇÃO

**Defesas fantásticas**

**Manga** era veterano (tinha 37 anos!) ao assinar com o Inter, em 1974. Em 220 partidas com a camisa colorada, sofreu apenas 120 gols. O dia 26 de abril, de seu nascimento, virou o Dia do Goleiro. Vive no Retiro dos Artistas, no Rio, onde tomou a vacina contra a Covid-19.

J.B. SCALCO

**Um senhor comandante**
No início dos anos 1970, **Rubens Minelli** era unanimidade. Foi tetracampeão nacional (Palmeiras-1969, Inter-1975 e 1976 e São Paulo-1977). Passou também por Atlético-MG, Corinthians e Grêmio até se aposentar, no fim dos anos 1990. Está com 93 anos.

ZEKA ARAUJO

**Veloz e driblador**
**Lula** jogou pelo Flu de 1965 a 1974. "Durante a semana ele nos incomoda e no domingo incomoda os adversários", resumiu o diretor de futebol colorado na época.

ACERVO S.C. INTERNACIONAL

**Da tradição à modernidade**
O **Beira-Rio** de hoje, com seus painéis coloridos inspirados no Allianz Arena, de Munique, tem pouco a ver com o estádio inaugurado em 1969, dando início a uma série de conquistas que colocaram o Inter entre os grandes do Brasil. Localizado às margens do Guaíba (daí o nome), o estádio foi totalmente reformado para a Copa de 2014.

# DE VOLTA PARA O FUTURO

Em 1980, Zico e Sócrates, então com menos de 30 anos, se deixaram maquiar como se tivessem parado de jogar e, aos 50, tocassem a vida longe dos gramados. As rugas e os cabelos brancos, contudo, foram além da conta

Com data de 26 de dezembro, a última edição de PLACAR de 1980 trazia na capa duas fotos insólitas. Numa época em que a expressão "extreme makeover" não existia, Zico e Sócrates, craques da seleção que conquistaria o vice-campeonato do Mundialito do Uruguai no mês seguinte (com direito a um sacode na Alemanha por 4 a 1), apareciam com muitas camadas de maquiagem como se tivessem 50 anos. O "doutor" morreu faltando dois meses para completar 58 anos. O Galinho de Quintino acabou de assoprar 69 velas, no último dia 3 de março — e a comparação com a imagem estampada na revista é inevitável.

Há mais de quatro décadas, a brincadeira era imaginar como seria a vida de tiozão (outra expressão que não havia sido inventada) dos craques canarinhos. Nas palavras do repórter Milton Costa Carvalho, com base em depoimento do próprio Zico, ele chegaria a 2003 como dono de uma rede de lojas de material esportivo e tendo seu filho Júnior na condição de centroavante e ídolo rubro-negro, o principal motivo para o pai continuar frequentando o Maracanã. Na época, PLACAR previu que ele entregaria a camisa 10 para Tita, "seu sucessor natural", depois da Copa do Mundo de 1982, para jogar na Europa — e que se aposentaria três anos mais tarde.

Sócrates cinquentão: médico grisalho

JORGE BUTSUEM

Para promover o envelhecimento do craque, foi contratado o mais famoso maquiador daqueles tempos: Eric Rzepecki, polonês de nascimento, então funcionário da TV Globo, responsável pela caracterização de dezenas de personagens de novelas da emissora, de 1967 até sua morte, em 1993, aos 80 anos. Depois de quatro horas de trabalho, Zico ganhou muitas rugas e cabelos grisalhos para combinar com o paletó e a gravata selecionados pelo fotógrafo Rodolpho Machado para o clique. "Ele insistiu tanto que deixei colocar um bigode, coisa que eu nunca tinha usado e nem planejava ter", lembra o próprio Zico. "E já naquele dia a gente percebeu que a maquiagem tinha ficado exagerada."

Zico envelhecido depois de quatro horas de maquiagem para criar rugas e um bigode estranho: "Virei galã canastrão", diz o Galinho de Quintino

FOTOS RODOLPHO MACHADO

Sócrates foi fotografado por Jorge Butsuem de estetoscópio no peito e com cabelo e barba totalmente grisalhos. Sua morte, é claro, ninguém gostaria de imaginar. Mas ele estava longe de ser um vovô todo branco quando foi derrotado por uma septicemia, em dezembro de 2011. Nos sonhos do eterno gênio dos toques de calcanhar, seu Corinthians teria (em 2004) um es-

tádio batizado de Coringão, com capacidade para 200 000 pessoas! No texto do repórter José Maria de Aquino, o Magrão teria pendurado as chuteiras logo depois do Mundial de 1982, recusando-se a falar de futebol depois disso.

PLACAR, sejamos sinceros, errou feio nas previsões e nas imagens. Olhar para as fotos hoje é uma dupla volta ao passado — ao início dos anos 1980, antes de Zico e Sócrates brilharem na Copa da Espanha, e ao que eles seriam no início dos anos 2000. Zico, de fato, foi para a Europa (em 1983, um ano depois da previsão da revista), ficou duas temporadas na Udinese, retornou ao Flamengo, onde se aposentou, em 1989, e ainda teve fôlego para retomar a carreira no Kashima Antlers. Só parou definitivamente em 1994, quase uma década após a projeção feita em 1980. Seu filho Arthur Antunes Coimbra Júnior nunca se tornou o principal atacante rubro-negro.

Sócrates, por sua vez, também encantou torcedores muito além do que a revista previu. Seguiu no Corinthians até 1984, teve uma temporada fraca na Fiorentina, voltou justamente para o Flamengo (onde atuou lado a lado com o Galinho até 1987), foi para o Santos no ano seguinte e encerrou a carreira em 1989 no Botafogo de Ribeirão Preto, onde tudo havia começado. Sócrates e Zico ainda estiveram juntos (ao lado do técnico Telê Santana) na Copa do Mundo de 1986, quando o Brasil caiu para a França, sem mostrar aquele futebol maravilhoso de quatro anos antes. Os dois também se tornaram treinadores — Zico, que já passou por clubes da Turquia, da Rússia e da França, é o diretor técnico do Kashima Antlers desde 2018. “Só o que sei é que foi muito legal fazer aquela produção”, diz ele. “Acho que fiquei com cara de galã de cinema canastrão, mas me diverti bastante.” ■

# O QUE MAIS ME IRRITA NO FUTEBOL

Não sou dono da verdade e dou minha opinião como qualquer um pode dar. Fique então com uma lista de dez coisas que mais me incomodam

Tite: tom professoral de quem acha moderno dizer "último terço". Quem tem terço é padre

LUCAS FIGUEIREDO/CBF

**"Muita gente me chama de saudosista, ranzinza e alguns até lembram do meu gol perdido contra a Holanda, em 1974, que poderia ter mudado o destino da seleção brasileira na competição"**

Depois de publicar minhas colunas aqui na edição impressa de PLACAR e no site, todas as segundas-feiras, recebo muitos elogios por meu posicionamento, por não ficar em cima do muro e, principalmente, por criticar o medíocre, feio e pragmático futebol brasileiro. Mas muita gente bate forte também, me chama de saudosista, ranzinza e alguns até lembram do meu gol perdido contra a Holanda, em 1974, que poderia ter mudado o destino da seleção brasileira na competição. Não sou o dono da verdade e dou minha opinião como qualquer um pode dar. No Brasil, todo torcedor é técnico, mas como diria o grande Nelson Rodrigues, toda unanimidade é burra. Por isso ninguém precisa concordar com a lista das dez coisas que mais me irritam no futebol. Aí vai!

1. Os técnicos que insistem para que a zaga, e até o goleiro, saia jogando como se fosse um Paulo Roberto Falcão ou um Carlos Alberto Pintinho. Eles sempre acabam dando mole, pois não têm essa categoria.
2. A quantidade de toques para o lado e para trás, como se fossem o Barcelona dos velhos tempos. Nem o Guardiola gosta de toques sem objetividade e sem um definidor de qualidade lá na frente.
3. Os goleiros que simulam contusões depois de uma defesa. Antigamente, os goleiros eram baixos, ágeis e não faziam esse teatro. A CBF precisa punir as simulações em geral.
4. Jogadores que cobrem a boca para falar mesmo após o fim da partida, como se falassem algo que quiséssemos saber. Como diria o Baixinho, calados são uns poetas.
5. A quantidade de integrantes da comissão técnica no banco.
6. E como essa turma é mal-educada. Volta e meia é expulso um auxiliar, um massagista, um analista de performance, um tatuador, um cabeleireiro.
7. Os jogadores que cercam o árbitro e os que já caem no chão pedindo cartão ou jurando só ter acertado a bola, mesmo com a canela adversária sangrando.
8. O tom professoral de Tite e os comentaristas em geral, que fizeram o curso da CBF e acham moderno falar último terço do campo. Quem tem terço é padre!
9. Os jogadores que dão carrinho, bicão para o alto e comemoram como se tivessem marcado um gol.
10. O VAR que marca o que bem entende e muda os critérios de acordo com o tamanho do time.

Se não gostou, faça a sua lista e divulgue para os amigos, mas me deixe em paz! ■